



Sesc 80 anos: uma forma de habitar o tempo
com Marieta Severo, Renato Nogueira, Christian
Dunker, Luiza Trajano e mais vozes da nossa história

Sesc
CNC senac

80 ANOS

“Pode chegar que a casa é grande e é toda nossa
Vamos limpar o salão para um desfile melhor
Vamos cuidar da harmonia, da nossa evolução
Da unidade vai nascer a nova idade
Da unidade vai nascer a novidade

E é pra chegar sabendo que
a gente tem o Sol na mão
E o brilho das pessoas é bem maior
Irá iluminar nossas manhãs.”

Gonzaguinha

A vida acontece com o Sesc, há 80 anos.



O tempo passa, mas o que pulsa permanece:
a educação que liberta,
o livro que transforma,
o cuidado que acolhe,
a arte que toca,
a música que arrepia,
o esporte que move,
os encontros que marcam.

Há 80 anos, o Sesc não é apenas um espaço.
É uma travessia.
É onde o Brasil se reconhece – alegre, vivo, livre.
Onde cada vida encontra espaço para acontecer inteira.

Somos feitos de histórias que atravessam gerações.

Crianças que hoje voltam com seus filhos.
Artistas que cresceram no palco.
Trabalhadores que descobriram novos mundos.
Comunidades que se sentem em casa.

Porque o Sesc não acompanha o tempo.
Ele vive com ele. Respira com as pessoas.
Se reinventa com as urgências do mundo,
sem perder sua essência: a de cuidar da vida, por inteiro.

E se a vida acontece com o Sesc,
é porque ela encontra aqui o que tem de mais precioso:
acesso, oportunidade, afeto, transformação e presença.

**80 anos de Sesc
80 anos de Brasil que pulsa
80 anos do que está por vir**



Sesc | Serviço Social do Comércio

Presidência do
Sistema CNC-Sesc-Senac
José Roberto Tadros

DEPARTAMENTO NACIONAL
Direção-Geral
José Carlos Cirilo

Diretoria de Saúde, Cultura,
Lazer e Assistência
Diana dos Santos Abreu (interina)

Diretoria de Educação,
Pesquisa e Dados
Érlei José de Araujo (interino)

Diretoria de Operações
Compartilhadas
Alan Carlo Lopes Valentim (interino)

revista azul e amarelo
número 1 | 2026
ISSN 3086-4828

Distribuição gratuita.
Todos os direitos reservados
e protegidos pela Lei nº 9.610,
de 19/2/1998.

Em nome do Departamento Nacional
do Sesc, agradecemos a todos os
Departamentos Regionais pela parceria
na elaboração da revista.

As fotografias fazem parte do
acervo do Sesc ou foram cedidas
para a instituição.

Os textos são de responsabilidade
dos autores e não refletem,
necessariamente, a opinião do Sesc.

Assessoria de Comunicação
André Valle

Coordenação editorial,
curadoria e edição de conteúdo
Camilla Savoia

Equipe editorial
Alice Cardoso
Jeane Borges

Coordenação
de Criação e Design
Julio Carvalho

Projeto gráfico
Paloma de Mattos

Direção de arte
e diagramação
Luiza Longuinho

Produção gráfica
Marcio Mendonça

Coordenação
de Canais de Mídia
Daniel Vidal

Coordenação de
Planejamento e Atendimento
Daniele Ornelas

Planejamento e Atendimento
Patricia Avolio

Produção de conteúdo
e reportagem

BR75 | Isabel Butcher
e Teresa Tavares

Revisão
BR75 | Ariana Corrêa
e Clarisse Cintra

Foto da capa
Leo Aversa

Capa e colagens
Estúdio Drama
(Tiago Araujo)

Ilustração da
linha do tempo
Yann Valber

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angelica Ilacqua CRB-8/7057)

Revista Azul e amarelo/Sesc. – Rio de Janeiro: Sesc, Departamento
Nacional, 2026.
160 p.; il., color.

Ano 1, N. 1, 2026
Coordenação editorial, curadoria e edição de conteúdo Camilla Savoia
ISSN 3086-4828

1. Serviço Social do Comércio (Brasil). Departamento Nacional -
Periódicos 2. Cultura 3. Educação 4. Bem-estar social

CDD 361.6105

**Este QR Code leva
você para a versão
digital da revista**



O Sesc completa 80 anos com o mesmo compromisso que atravessa gerações: viver com as pessoas e contribuir para uma sociedade mais justa.

Desde sua criação, em 1946, o Sesc nasce de um entendimento simples e poderoso: crescimento econômico e bem-estar social podem caminhar juntos. Foi a partir dessa visão que se consolidou como uma das mais importantes redes do país, presente em todas as regiões do Brasil e atuando de forma próxima às realidades de cada território.

Durante essas oito décadas, milhões de brasileiros passaram por nossos espaços. Crianças que descobriram novos mundos nas bibliotecas, jovens que ampliaram seus horizontes pela educação e pela cultura, adultos que encontraram cuidado em ações de saúde, pessoas idosas que seguem ocupando com alegria teatros, shows, piscinas, cursos, corridas e atividades de convivência.

Esse movimento cotidiano e transformador é o que sustenta a trajetória do Sesc. Um trabalho contínuo, construído por meio de iniciativas nas áreas de Educação, Saúde, Cultura, Lazer e Assistência, que busca fortalecer vínculos, ampliar oportunidades e estimular múltiplas formas de olhar para o mundo.

Essa atuação acontece em rede. O Sesc integra o Sistema Comércio, ao lado da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, a CNC, do Senac, das Federações e dos sindicatos empresariais, somando esforços em favor dos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo e de toda a sociedade brasileira.

Celebrar 80 anos é reconhecer a força dessa história coletiva – uma história feita de encontros e descobertas de novos mundos, todo dia, na vida de quem passa pelo Sesc.

E é com esse espírito que apresentamos nossa edição comemorativa de 80 anos da revista *Azul e amarelo*, um espaço de diálogo e reflexão sobre temas que nos mobilizam e ajudam a contar, sob diferentes olhares, o Brasil que seguimos construindo juntos.

O tempo passa, os desafios se renovam e a mesma sensação desde o nosso nascimento se fortalece: quando investimos nas pessoas, abrimos caminhos para uma vida ainda mais bonita.

José Roberto Tadros, presidente do Sistema CNC-Sesc-Senac,
e **José Carlos Cirilo**, diretor-geral do Departamento Nacional do Sesc

Uma história que transforma vidas

O Sesc nasceu em setembro de 1946, quando o mundo ainda tentava se recompor de um episódio dramático de guerra, convulsão e colapso social. O Brasil, ainda que ocupasse um lugar secundário nesse cenário, via e vivia o reflexo disso. Foi quando empresários do comércio entenderam que era preciso fazer algo a mais por seus trabalhadores: cuidar do corpo e da mente daqueles milhares de brasileiros que todo dia sustentavam a vida em suas lojas, galpões, restaurantes e magazines.

Oitenta anos depois, o mundo avançou muito. O Brasil passou por inúmeras transformações e vive uma realidade diferente daquela de 1946. Mas, infelizmente, ainda convivemos com fragilidades sociais. O Sesc ainda é urgente para a sociedade brasileira.

Mantida pelos empresários do comércio de bens, serviços e turismo, representados pela CNC, a instituição se tornou uma das experiências sociais mais bonitas do país. Sua atuação acontece em inúmeras frentes e seus números são gigantes, do tamanho do Brasil.

Na Educação, o Sesc atua desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos, com mais de 1,3 milhão de inscritos em nossas atividades educacionais. Na Saúde, o Sesc cuida da prevenção e atua no cuidado integral do trabalhador, com mais de 1,7 milhão de pessoas atendidas. Na Cultura, o Sesc é, sem dúvida, um dos maiores indutores da criação artística do país, com mais de 39 milhões de pessoas impactadas. No Lazer, o Sesc é piscina, quadra, unidade hoteleira, recreação, espaço de convivência – mais de 4,3 milhões de inscritos. Na Assistência, apenas em 2025, foram distribuídos 57,6 milhões de quilos de alimentos e outras doações no programa de combate à fome (Sesc Mesa Brasil) para uma média de 2,7 milhões de pessoas todo mês.

O Sesc é demais. Por isso, queremos nestas páginas mostrar um pouquinho desta maravilha em todo o país. São cerca de 48 mil colaboradores no Brasil. Gente que faz a vida acontecer todo dia. As histórias que você vai conhecer nesta edição comemorativa da *Azul e amarelo* são de pessoas que tiveram suas vidas transformadas pelo Sesc – e nada fala mais sobre o que somos do que isso.

Elienai Câmara, chefe do Gabinete da Presidência e coordenador de Comunicação do Sistema CNC-Sesc-Senac, e **André Valle**, assessor de Comunicação do Departamento Nacional do Sesc

**E, afinal,
para quem é a
Credencial Sesc?**

**Aponte a câmera
e descubra quantas
vidas cabem
nesta resposta.**



**Há 80 anos,
somos feitos
de histórias**

11 linha do tempo

A vida acontece com o Sesc há 80 anos

21 CNC 80 anos

Protagonista das transformações do comércio

25 experiências brasileiras

Entre lendas de bruxas, mar e tradição açoriana em Florianópolis

33 bate-papo

Em entrevista, José Carlos Cirilo conta sua história

37 HQ

Um novo mergulho, por Luísa Lacombe

41 destaque

O que sustenta as juventudes brasileiras hoje?

49 pausa

Colagem e fotografia de Nay Jinknss

51 em pauta

Coragem de criar, por Mana Bernardes

57 capa: sesc 80 anos

Uma forma de habitar o tempo

93 nossos números

Impacto social em 2025

101 respiros

Cartas de crianças e jovens sobre tudo o que o Sesc pode ser

113 sesc empresas

Cuidado no trabalho, com a Saúde Integral do Trabalhador

117 nossa história

Renata Cristina da Silva e Letícia da Hora no Laboratório de Narrativas Femininas, ação do projeto Mulheres Plurais

129 pausa

Fotografia de José Maria

131 conto

O poeta da fome, por Abáz

135 senac 80 anos

A gente se vê amanhã

139 bate-papo

Karine Oliveira, fundadora e CEO da Wakanda Educação Empreendedora, traduz o mundo dos negócios para a vida

149 por aí

Entre os destaques, vencedores do Prêmio Sesc de Literatura e o podcast Ativamente, criado pelo Sesc

LINHA DO TEMPO



A vida acontece com o Sesc há 80 anos

Por Jeane Borges

Às vezes, tudo começa numa sala. Algumas pessoas sentadas em volta de uma mesa. Ideias, inquietações, vontade de fazer diferente.

Quem poderia imaginar que, a partir de uma conferência para discutir a qualidade de vida dos trabalhadores do comércio, de bens, serviços e turismo, nasceria uma das histórias mais importantes do país?

Hoje, no século 21, falar de serviço social e bem-estar parece urgente.

Mas essa conversa começou bem antes.

Há 80 anos.

Em 1945, representantes de trabalhadores, empresários e lideranças de todo o Brasil se reuniram na 1ª Conferência de Classes Produtoras, em Teresópolis (RJ). Eram mais de 900 delegados, vindos de 680 entidades, movidos pela mesma pergunta: como construir um país mais justo?

Dessa escuta coletiva nasce a Carta Econômica de Teresópolis. E, pouco depois, a Confederação Nacional do Comércio, a CNC.

Em janeiro de 1946, foi divulgada a Carta da Paz Social – documento que inspiraria a criação do Sesc.

Nela, João Daudt d'Oliveira escreveu: “A Carta da Paz Social é um documento expressivo do espírito de solidariedade e deverá contribuir para harmonizar e pacificar o capital e o trabalho em nosso país”.

Nesse contexto, a CNC organizou seu próprio sistema social, criando o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, o Senac, e, logo depois, em 13 de setembro de 1946, nasce o Serviço Social do Comércio, o Sesc.

Desde então, nossa história vem sendo escrita todo dia, por milhões de pessoas, em cada encontro e em cada vida transformada.

Então, venha! Venha desfilar com a gente nas próximas páginas, que provavelmente você vai se encontrar pelo caminho.



A música, forte naquela época, expressava a alegria e a identidade do povo brasileiro. O samba já era rei quando o Sesc nasceu.

Nossas primeiras unidades surgiram em São Paulo e na zona norte do Rio de Janeiro, em Engenho de Dentro, com ações voltadas à maternidade e à infância, além do enfrentamento à tuberculose.

Em Minas Gerais, por exemplo, criamos um hospital com 600 leitos dedicado exclusivamente ao tratamento da doença.

Também inauguramos as primeiras colônias de férias de Bertioga, no litoral paulista, e de Garanhuns, em Pernambuco. E, assim como o rádio, fomos nos espalhando por diferentes estados brasileiros, dando origem aos nossos futuros Departamentos Regionais — entre eles, Alagoas, Amazonas, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraná.

Em 1950, a televisão entra nas casas brasileiras com a chegada da TV Tupi, mudando a forma de contar histórias e de se reconhecer como nação. No mesmo ano, o país recebe a Copa do Mundo e inaugura o Maracanã.

a fazer parte do cotidiano dos comerciários. Entre os jovens que participam desses campeonatos, em São Paulo, está Pelé, ainda antes de se tornar um ícone mundial.

A década marca a consolidação da rede física do Sesc, com a abertura de centros de atividades voltados à educação, saúde, cultura e recreação em diferentes estados. O cuidado com a vida segue como prioridade, com a ampliação do atendimento à maternidade e às gestantes, acompanhando um Brasil que nasce, todo dia, para um novo tempo.



1960

Um tempo de **passagem** e intensidade. Enquanto o mundo olha para o espaço e a pessoa chega à Lua, o país e o Sesc ganham novos ritmos.

A década começa com a criação do Trabalho Social com Pessoas Idosas em São Paulo, marco da nossa atuação, reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU), com foco em promover qualidade de vida, autonomia e bem-estar para pessoas idosas.

Também são inaugurados e ampliados os espaços de esporte e convivência, com inauguração de ginásios e parques esportivos em todo o Brasil, ampliando o acesso ao lazer.

O mundo pulsa em novos ritmos. A música se fragmenta e se expande – da disco ao punk, do rock progressivo aos primeiros passos do hip-hop. A cultura jovem ganha voz, corpo e atitude.

No Brasil, a TV em cores se consolida, as novelas alcançam seu auge e programas como *Fantástico* e *Jornal Nacional* passam a fazer parte da rotina.

O acesso ao tempo livre é um direito e a vontade do povo é por lazer. De Norte a Sul, surgem hotéis e estâncias. Ginásios, piscinas

e quadras passam a marcar a paisagem das nossas unidades. O turismo social se estabelece como uma das forças de atuação do Sesc – porque o descanso, o encontro e a convivência também são direitos.

A década é de expansão. O Sesc chega a novos territórios, como o Acre, e fortalece sua presença em estados como Sergipe, Alagoas e Rio de Janeiro, com iniciativas que unem esporte e recreação.

Assim, em meio às transformações culturais dos anos 1970, o Sesc também se afirma como referência em lazer e turismo social.

1970





Experimentação e desejo de liberdade. A efervescência cultural carrega o encantamento e a beleza do Brasil.

Em meio à reinvenção nacional, a cultura se afirma como espaço de expressão. Ao som de “Alô, alô, marciano”, o Sesc investe em ações culturais como teatro, cinema, artes plásticas, música e literatura. Uma dessas iniciativas foi a criação do

Arte Sesc, em 1981, que incentivou a produção artística local.

É tempo do surgimento de novas tecnologias. Assim, nasce o Sesc Ciência, projeto que amplia o acesso à divulgação científica.

Acontecem também edições do Festival MPB Sesc em Goiás, e o BloSesc, bloco carnavalesco que percorreu o centro de Aracaju, em Sergipe.

1980

1990

A internet começa a se expandir, os celulares se popularizam e a forma de se comunicar vai mudando.

Nesse tempo, o Sesc amplia seu olhar para a educação e cria o Sesc Ler, fortalecendo ações voltadas a pessoas de todas as idades. Cultura, recreação e formação passam a alcançar ainda mais pessoas, especialmente no interior do país e nas regiões com maior vulnerabilidade social.

A década é marcada pela expansão e pela invenção de novos caminhos. Unidades se espalham pelo interior e surgem soluções móveis para chegar a lugares em que o acesso pode ser mais difícil.

Em 1999, nasce o OdontoSesc, rede de unidades móveis de odontologia, levando saúde bucal a comunidades distantes dos grandes centros.

O compromisso com a vida também se estende à natureza. Em Mato Grosso, o Sesc Pantanal se consolida com a criação da RPPN Sesc Pantanal, unindo conservação ambiental, educação, ação social e turismo ecológico.

Assim, em meio às transformações dos anos 1990, o Sesc reafirma sua vocação: conectar pessoas, territórios e futuros. Os campos da educação, da cultura e da saúde são eleitos como prioritários.



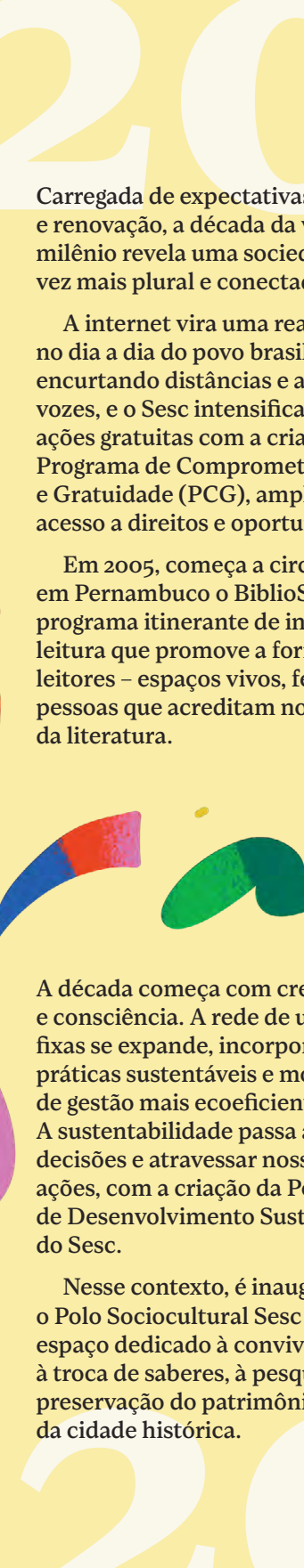


2000

Carregada de expectativas de futuro e renovação, a década da virada do milênio revela uma sociedade cada vez mais plural e conectada.

A internet vira uma realidade no dia a dia do povo brasileiro, encurtando distâncias e ampliando vozes, e o Sesc intensifica as ações gratuitas com a criação do Programa de Comprometimento e Gratuidade (PCG), ampliando o acesso a direitos e oportunidades.

Em 2005, começa a circular em Pernambuco o BiblioSesc, programa itinerante de incentivo à leitura que promove a formação de leitores – espaços vivos, feito por pessoas que acreditam no poder da literatura.



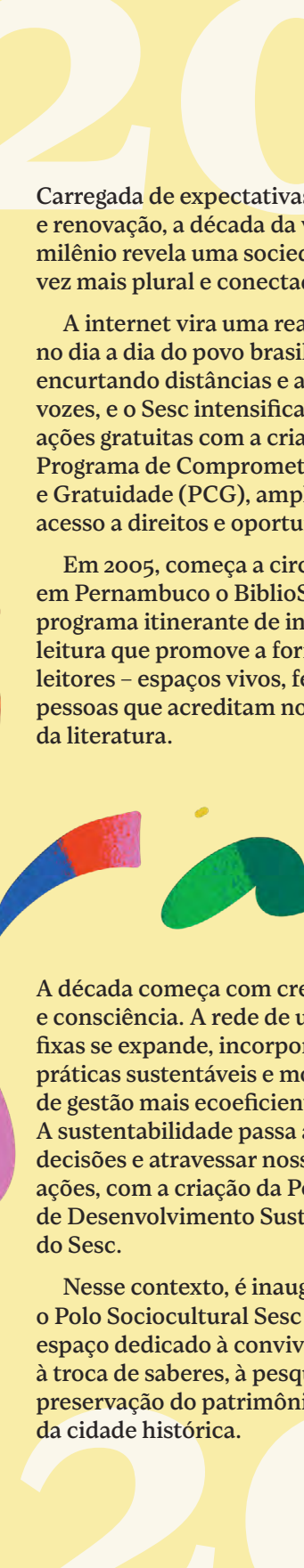
2010

A década começa com crescimento e consciência. A rede de unidades fixas se expande, incorporando práticas sustentáveis e modelos de gestão mais ecoeficientes. A sustentabilidade passa a orientar decisões e atravessar nossas ações, com a criação da Política de Desenvolvimento Sustentável do Sesc.

Nesse contexto, é inaugurado o Polo Sociocultural Sesc Paraty, espaço dedicado à convivência, à troca de saberes, à pesquisa e à preservação do patrimônio cultural da cidade histórica.

Pouco depois, em 2003, nasce o Sesc Mesa Brasil, uma rede nacional de bancos de alimentos que atua no combate à fome e ao desperdício, hoje a maior rede privada de banco de alimentos da América Latina. No mesmo ano, é lançado o Prêmio Sesc de Literatura, que lança autores inéditos e incentiva a produção literária nacional.

Ao fim da década, o compromisso com a educação se reafirma com a abertura do Polo Educacional Sesc, no Rio de Janeiro, que passa a receber jovens de diferentes estados brasileiros.



2010

O cuidado com a vida se amplia. As unidades móveis do Sesc Saúde Mulher chegam à maioria dos estados, e o OdontoSesc é aprimorado para atender também pessoas com deficiência.

Nesse período, o Sesc fortalece o apoio a Departamentos Regionais em estados com baixo IDH e amplia seu alcance em todo o país. Ao fim da década, a instituição ultrapassa a marca de 6,5 milhões de pessoas matriculadas – um reflexo de uma atuação que cresce em diálogo com o tempo que vem.

2020 e além

Os primeiros anos da década são marcados pela reconstrução e reinvenção do cotidiano. A pandemia de covid-19 atravessa o mundo, e é preciso encontrar um jeito possível de seguir.

Em meio à crise sanitária, o Sesc se reestrutura para continuar atendendo o público. Mesmo com as unidades fechadas, intensificamos as atividades por meios digitais, como lives

com apresentações artísticas, recursos para saúde mental, entre outras ações nas áreas de saúde, assistência social e sustentabilidade.

A tecnologia se consolida como ponte entre as pessoas – são lançados podcasts, cursos on-line, como a plataforma Sesc Digital, criada pelo Sesc São Paulo em 2020. O povo, assim como o Sesc, busca por sentidos mais coletivos.





CNC 80 anos

Protagonista das transformações do comércio

Em novembro de 2025, a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) completou 80 anos. Entidade máxima do empresariado brasileiro, alcança esse marco em um cenário político, econômico e social muito diferente daquele em que foi criada, em 1945.

Se, na época, o grande desafio era a reconstrução pós-Segunda Guerra Mundial, hoje é o avanço do e-commerce que disputa espaço com as lojas físicas. Diante desse cenário, a CNC tem como uma de suas principais frentes estratégicas a transformação digital das empresas do setor terciário — mais uma mudança profunda entre tantas que a entidade acompanhou durante oito décadas.

Nesses 80 anos, a CNC esteve presente em momentos decisivos da história brasileira: colaborou na formulação de políticas públicas, fortaleceu a qualificação profissional, defendeu um ambiente de negócios seguro e competitivo e teve papel relevante na promulgação da Constituição Federal de 1988. À época, mobilizou a sociedade em torno de uma emenda popular que reuniu milhares de assinaturas e deu origem ao artigo 240, garantindo o financiamento do Sesc e do Senac por meio de contribuições empresariais.

A liderança de um sistema em movimento

À frente do Sistema CNC-Sesc-Senac desde 2018, **José Roberto Tadros** (à direita), empresário e advogado, iniciou sua trajetória na José Tadros & Cia., empresa fundada por seu bisavô em 1874 e considerada a mais antiga em operação no Amazonas. Formado em Direito pela Universidade Federal do Amazonas,



atua no segmento empresarial desde a década de 1970, combinando conhecimento jurídico e visão estratégica.

Sua gestão é marcada pelo fortalecimento do diálogo com o poder público, pela defesa da modernização do ambiente de negócios e pela ampliação da atuação social do Sesc e do Senac. Antes da presidência nacional, consolidou sua liderança no Amazonas à frente da Federação do comércio local e de conselhos voltados ao desenvolvimento econômico e industrial da região.

Sistema CNC-Sesc-Senac

Criada originalmente para representar e defender os interesses dos empresários do comércio, a entidade expandiu sua atuação já em 1946, com a criação do Serviço Social do Comércio (Sesc) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). Nascia ali um sistema comprometido com a qualidade de vida, o bem-estar social, a formação e a qualificação dos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo e suas famílias.

Hoje, o Sesc está presente em todo o país com 650 unidades fixas e 169 unidades móveis, oferecendo serviços de educação, saúde, cultura, lazer e assistência — uma rede que traduz, na prática, o entendimento de que economia forte e impacto social caminham juntos.

“Empreender no Brasil é lidar com desafios constantes — da burocracia à carga tributária. Nesse cenário, ninguém deveria caminhar sozinho. É justamente

aí que a CNC cumpre um papel essencial: representar o setor terciário e levar as demandas do comércio, dos serviços e do turismo para o debate público, por meio da atuação e da visão do presidente do Sistema CNC-Sesc-Senac, José Roberto Tadros. Ao mesmo tempo, o Sistema fortalece o país com o trabalho do Sesc e do Senac, que garantem formação, bem-estar e qualidade de vida para milhões de trabalhadores”, afirma o chefe do Gabinete da Presidência e coordenador de Comunicação do Sistema CNC-Sesc-Senac, Elienai Câmara.

A partir de 2010, a CNC ampliou sua atuação técnica e passou a produzir indicadores estratégicos que se tornaram referência nacional, como a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) e o Índice de Confiança do Empresário do Comércio (Icec), publicados mensalmente até hoje e fundamentais para a leitura do cenário econômico brasileiro.

Atualmente, a CNC é a representante sindical de cerca de sete milhões de estabelecimentos do comércio de bens, serviços e turismo que movem a economia brasileira e geram 30 milhões de empregos diretos e formais. Seus 80 anos foram comemorados com uma Sessão Solene no Congresso Nacional e uma Missa em Ação de Graças na Catedral de Nossa Senhora Aparecida, em Brasília.

Para marcar a data, também foram lançados o filme publicitário *Atravessando Gerações*, que mostra que o tempo passa e o jeito de fazer negócios muda, mas o que move o empresário continua igual: trabalho, coragem e garra; um livro institucional com a história da entidade e um selo comemorativo dos Correios.

“A CNC cumpre um papel essencial: representar o setor terciário e levar as demandas do comércio, dos serviços e do turismo para o debate público, por meio da atuação e da visão do presidente do Sistema CNC-Sesc-Senac, José Roberto Tadros.”

— Elienai Câmara, chefe do Gabinete da Presidência e coordenador de Comunicação do Sistema CNC-Sesc-Senac

EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS

Flori- anópolis

**Entre lendas
de bruxas,
mar e tradição
açoriana**



Um lugar cheio de encantos, cercado pelo mar e coberto por vegetação exuberante onde, diz a lenda, bruxas se reuniam para realizar feitiços e dançar à luz da lua cheia. Conta-se que, durante um grande encontro, o diabo, furioso por não ter sido convidado para a celebração, transformou todas em pedra, dando origem ao enigmático Salão de Festas, que pode ser visto até hoje na Praia de Itaguaçu. A partir dessas histórias que povoam o imaginário local, Florianópolis passou a ser conhecida como a Ilha da Magia – ainda que a capital de Santa Catarina também seja formada por terras continentais.

Com mais de 42 praias espalhadas ao longo de 675 km², Florianópolis é um convite para quem busca boa infraestrutura e serviços sem renunciar a um estilo de vida tranquilo e conectado à natureza. Além do litoral, a cidade oferece lagos, trilhas, dunas e cachoeiras. Fortemente marcada pela colonização açoriana, preserva a arquitetura portuguesa e tradições como a renda de bilro, a pesca artesanal, o cultivo de ostras, a gastronomia à base de peixes e frutos do mar – com destaque para moquecas, tainha, anchova e o tradicional pastel de berbigão – e festas populares como a do Boi de Mamão.

Foi após a chegada dos portugueses, por volta de 1700, que os nativos da ilha passaram a ser chamados de manezinhos, ou simplesmente manés. O apelido surgiu do diminutivo de Manoel: primeiro Manoelzinho, depois Manezinho. É comum que as

pessoas locais conversem em um dialeto próprio, de fala rápida e cantada, com palavras do cotidiano conjugadas no pretérito perfeito: “Tu visse?”. No manezês, troca-se o “s” por “sh”, o “r” muitas vezes desaparece no final das palavras e o uso do “tu” acontece com total naturalidade.

Um dos principais destinos do sul do país, Florianópolis chega a ver sua população mais que dobrar entre dezembro e março. E encontrar hospedagem na alta temporada pode ser um verdadeiro desafio. Por isso, o ideal é se planejar com antecedência e garantir a estadia no Hotel Sesc Cacupé – ou, em bom manezês, evitar “mofar com a pomba na balaia”, expressão que significa ficar esperando à toa. Só em 2025, o hotel recebeu mais de 29 mil hóspedes.

Localizado de frente para o mar e cercado por uma ampla área verde, o Hotel Sesc Cacupé oferece estrutura completa para famílias, com restaurante, lanchonete, piscinas, parquinhos, campo sintético, quadras poliesportivas e de areia, sala de condicionamento físico, trilha ecológica e um mirante com vista impressionante para a Baía Norte de Florianópolis.

São 105 acomodações entre chalés e apartamentos, com opções adaptadas para pessoas com deficiência, unidades pet friendly e um espaço exclusivo para o lazer dos animais.

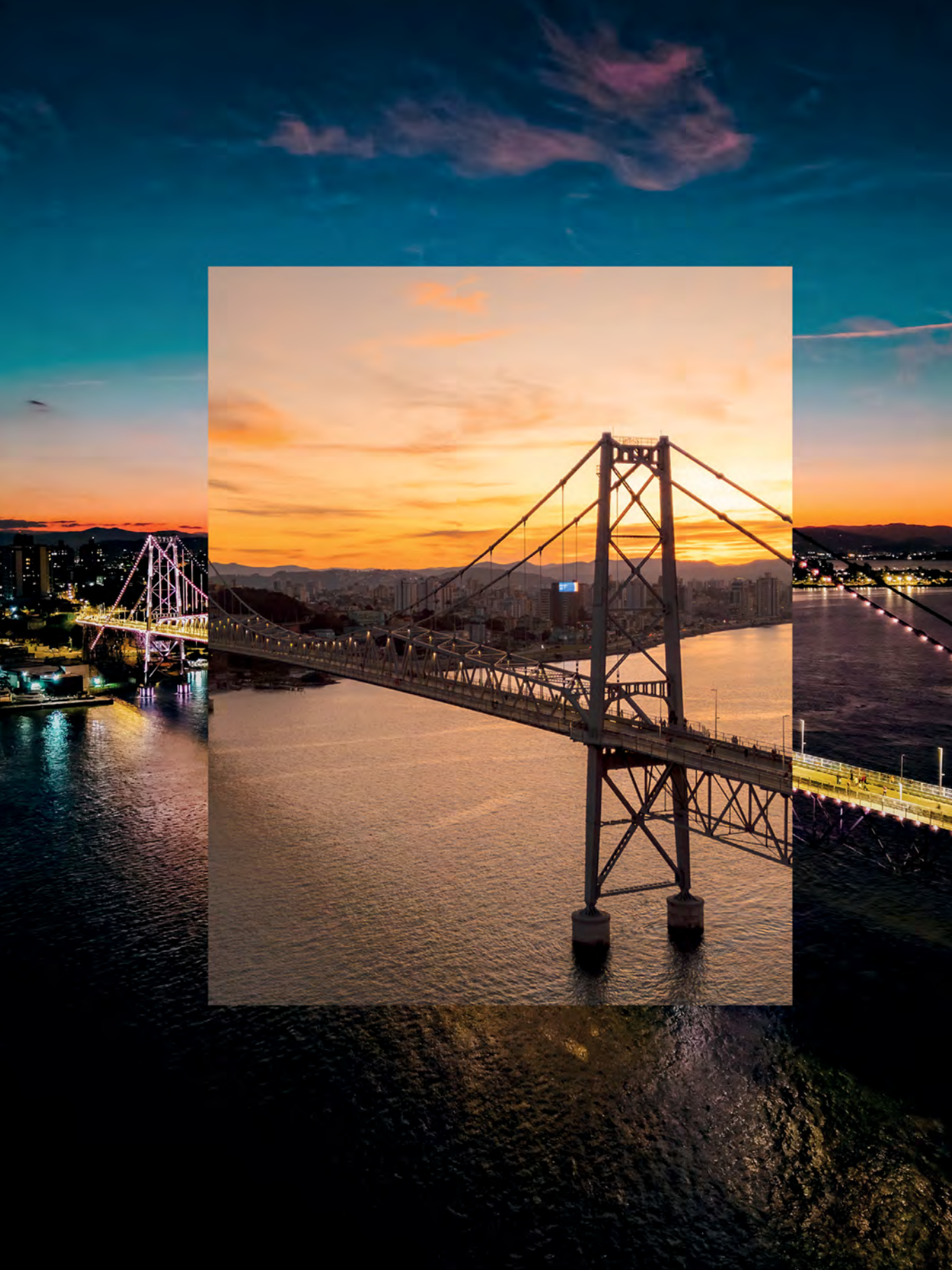




Foto: Divulgação Sesc



Foto: Divulgação Sesc

Recreação

O hotel se destaca por um conceito especial de recreação, com atividades programadas para que toda a família possa se divertir em experiências esportivas, culturais, artísticas, recreativas e de contato com a natureza.

A programação inclui arco e flecha, parede de escalada, mini tirolesa, oficinas criativas, aulões de dança, futebol e beach tennis.

Outro atrativo é a trilha ecológica de 2,1 km de extensão, dividida em três níveis de dificuldade: fácil, médio e difícil. Aos sábados, quem tiver sorte – ou azar – ainda pode se deparar com a Bruxa Salomé, que conduz uma caminhada com contação de histórias até sua casa, no meio da mata. Para as crianças, é um misto de medo e curiosidade conhecer a casa da bruxa. Para os adultos, é momento de revisitar aquelas sensações tão presentes na infância.

Mas se o dia amanhecer “com cor de buraco de cerca”, como diz o manežês – ou seja, feio, cinzento e nublado – não há motivo para preocupação. O hotel oferece cinco salas de recreação, incluindo brinquedoteca, sala de jogos eletrônicos, jogos de mesa e jogos de tabuleiro.

Na temporada de verão, o calor convida à prática de stand-up paddle, a passeios de caiaque e ao caiaque ambiental, com orientações

sobre a fauna local, o manguezal e as características ambientais da região, tudo isso ali mesmo, na Praia de Cacupé.

A preocupação ambiental, aliás, é uma das marcas do Hotel Sesc Cacupé, considerado referência estadual em sustentabilidade. Além de manter 37% dos seus 156 mil metros quadrados de área totalmente preservados, o hotel pratica manejo consciente de resíduos orgânicos por meio da compostagem, possui um meliponário, uma horta orgânica e desenvolve atividades de educação ambiental voltadas a hóspedes e visitantes.

Na gastronomia, a valorização da cultura local aparece nos pratos típicos catarinenses e açorianos servidos no almoço e no jantar. Entre os destaques estão peixe frito, camarão na moranga, pirão de peixe, bolinho de siri e pastel de berbigão. Durante a alta temporada, o restaurante promove uma verdadeira imersão cultural com a Noite Açoriana, jantar temático realizado às sextas-feiras, com apresentações culturais como o Boi de Mamão.

Bar & Café

Experiência gastronômica, com cardápio que valoriza ingredientes regionais e um espaço privilegiado para apreciar o pôr do sol no Cacupé. A decoração remete à cultura açoriana, com materiais esmaltados, cobre e vidro, criando uma atmosfera simples, autêntica e charmosa. Do lado de fora, decks em diferentes níveis abrigam mesas, lounges, música ambiente, banheiros, aquecedores e o mar logo ali.

Centro Multiuso

Para quem visita a ilha a trabalho, o hotel oferece a comodidade da hospedagem integrada ao local do evento, garantindo conforto, praticidade e um ambiente reservado, com estacionamento próprio. O Centro Multiuso é ideal para convenções, workshops e reuniões, com dois auditórios que comportam entre 50 e 380 pessoas e estrutura para receber até 800 participantes.





Arredores

O Hotel Sesc Cacupé também funciona como base estratégica para famílias que desejam conhecer outras atrações de Santa Catarina, como Balneário Camboriú, a 95 km, e o parque temático Beto Carrero World, localizado a 130 km de distância. Está localizado na região Norte da Ilha de Florianópolis, em frente à Baía Norte.

Além da própria Praia de Cacupé, um recanto de águas calmas ainda pouco descoberto pelos turistas, a região oferece diversas atrações próximas, como o bairro histórico de Santo Antônio de Lisboa, conhecido pelo casario açoriano, ateliês e restaurantes típicos; o espaço gastronômico Mercadoteca; o Floripa Shopping; e a ciclovia da Beira-Mar Norte, ideal para caminhadas e passeios.

Outros atrativos importantes da cidade, como a Lagoa da Conceição, a Praia de Itaguaçu, a Praia da Joaquina, a Praia Mole e Jurerê, ficam a poucos quilômetros. E o Centro Histórico, onde estão a Ponte Hercílio Luz, o Mercado Público, a Catedral Metropolitana e o Museu de Florianópolis, está localizado a aproximadamente 11 km.

Em Santa Catarina, você pode viver momentos inesquecíveis e de muita diversão com sua família e conhecer o trabalho da equipe de recreação em outros hotéis como o Hotel Sesc de Blumenau e a Pousada Rural Sesc Lages.



Direção

**Para José Carlos Cirilo, nosso diretor-geral,
o estudo é o que inaugura caminhos
e orienta escolhas durante a vida**

Nascido em uma fazenda no interior de Minas Gerais, o filho de dona Dorzinha e seu Joaquim precisou morar com parentes para poder estudar. Mas os esforços de toda a família valeram a pena. Depois de se formar em Ciências Contábeis pela PUC Minas, fez pós-graduação em Auditoria Externa pela UFMG e Gestão Educacional pelo Senac Minas. Concluiu, ainda, um MBA Executivo em Finanças pelo Ibmecc e um mestrado em Administração pela Fead. Trabalhou em empresas e atuou como auditor externo até tornar-se diretor regional do Senac Minas Gerais. Em seguida, foi para o Departamento Nacional do Senac, onde assumiu cargos de gestão e a diretoria na área de gastronomia até chegar à Diretoria de Operações Compartilhadas. Em agosto de 2021, passou a ocupar a Direção-Geral do Departamento Nacional do Sesc.

Conte um pouco sobre sua família. É grande?

Pequena? Barulhenta? Tranquila?

Do lado do meu pai, Joaquim, é uma família mais numerosa. Ele é o penúltimo de sete filhos do meu avô Cirilo e da minha avó Lica. Já o lado da minha mãe, Maria das Dores – que todo mundo chama de Dorzinha –, é menor, são quatro irmãos. E eu fui o primeiro filho, o primeiro neto, o primeiro bisneto. Tive o privilégio de conhecer os avós e os bisavós todos do lado da minha mãe. Então, isso aí foi um privilégio. Não são todas as pessoas que têm esse privilégio.

Qual a importância da família na sua história?

Nasci numa fazenda, em Bambuí, Minas Gerais. Tudo começou com o meu avô Cirilo, que era muito trabalhador, prestava serviço para a Prefeitura e gerava uma economia criando e vendendo porcos. Os filhos foram nascendo e ele, trabalhando muito, conseguiu dar um pedaço de terra para cada um trabalhar. Meu pai ficou na sede da fazenda, onde todos nasceram. E a gente tem essa terra até hoje. O papai sempre nos ensinou a trabalhar muito. Desde novo, a gente tinha as nossas responsabilidades. Ele ensinou a gente a cuidar da terra como ele aprendeu. E, às vezes, no domingo, eu ajudava a minha mãe a fazer o almoço. Somos três irmãos e a mamãe falava o seguinte: “Olha, eu não sei se vocês vão precisar disso um dia”. Então a gente aprendeu, por exemplo, a arrumar um frango, matar um frango, depenar um frango, sapecar, cortar e cozinhar. Os dois foram fundamentais na minha educação. As primeiras letras que comecei a desenhar e os principais números, quem ensinou foi minha mãe.

O senhor é um homem de hábitos simples, que gosta de música caipira e pescar. Um típico mineiro. Do que mais sente falta quando está fora de Minas?

Recarrego as baterias indo a Bambuí de tempos em tempos. Lá ando a cavalo, ando no campo, ajudo a fazer alguma coisa. Eu tenho essa relação com o campo, sabe? Cresci vendo meu avô indo pescar. Tive oportunidade de arrancar minhoca com enxadão para ele pescar. E quando a gente cresceu, ele começou a levar a gente para pescar com ele no Rio São Francisco, no Rio Samburá. A gente ia remando de um lado e o vovô ia tirando a ponta da canoa na frente, no rio.

Durante sua carreira, o estudo sempre esteve presente...

Pois é. Frequentei uma escola rural, lá em Olhos d'Água, que é a região onde nasci. Depois, minha mãe me preparou para um processo seletivo da Escola Estadual João Batista

“Houve muito sacrifício do meu pai e da minha mãe para eu estudar. Por isso, sempre tratei os estudos como uma grande oportunidade.”

de Carvalho, que era a melhor escola de Bambuí. Estudei minha vida toda lá, até o científico (atual Ensino Médio), mas como a gente não tinha casa na cidade, fui morar com meus avós.

Quando me mudei para Belo Horizonte, para fazer o pré-vestibular, fui morar com uma irmã da minha mãe. Passei para a Universidade Católica de Minas Gerais e comecei a estudar lá. Foi um momento difícil. Houve muito sacrifício do meu pai e da minha mãe para eu estudar. Por isso, sempre tratei os estudos como uma grande oportunidade. Fiz faculdade de Ciências Contábeis e, para você ter uma ideia, meu pai só conheceu a universidade no dia da minha formatura. Ele mandava a grana pra mim, uma grana suada, que ele ganhava, tirando leite das vacas e vendendo. Tinha mês que meu pai tinha que pegar dinheiro emprestado para meus estudos, porque o dinheiro não dava. Mas ele sempre insistia muito nisso: “Meu filho, você tem que transformar sua vida, e é com educação. Estude, estude, estude. Seu pai vai fazer o possível para você estudar. Eu quero ter um filho estudado”.

Fale um pouco sobre sua trajetória profissional.

Depois de um tempo formado, fui fazer Auditoria Externa e aprendi muito, porque as empresas em que a gente trabalhava eram muito diversas. Você auditava cooperativas, bancos, seguradoras, comércio em geral, cimenteira, empresas de transporte. Isso me deu uma bagagem interessante. E como já queria mudar de área, fiz um processo seletivo para o Senac de Minas Gerais. Fiquei lá durante 17 anos. Comecei com 23, 24 anos, ajudando a fechar balanço e cheguei a diretor-regional do Senac Minas. De lá, fui convidado para trabalhar no Departamento Nacional do Senac, no Rio de Janeiro, até que o presidente Tadros (José Roberto Tadros, presidente do Sistema CNC-Sesc-Senac) me deu a oportunidade de ir para o Sesc há pouco mais de quatro anos.

E o que faz do trabalho do Sesc importante?

O Sesc tem contribuído muito com as necessidades do trabalhador do comércio de bens, serviços e turismo durante seus 80 anos. E está sempre antenado com as novas demandas. O empresário precisa de um funcionário sadio, com saúde física e mental, e que tenha uma formação profissional acadêmica. Por isso, a gente trabalha com dois grandes vetores: a saúde integral do trabalhador e a educação. Porque, além de cuidar do trabalhador, a gente cuida da sociedade. Não é à toa que o Sesc tem a maior rede privada de banco de alimentos da América Latina, o Sesc Mesa Brasil, e um trabalho que atua sempre em Educação, Saúde, Cultura, Lazer e Assistência.

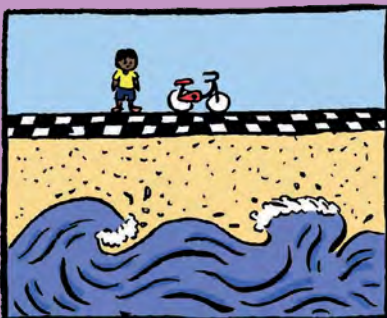
Um novo mergulho

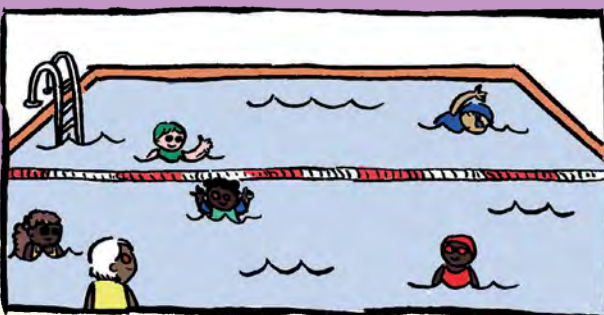
Por Luísa Lacombe

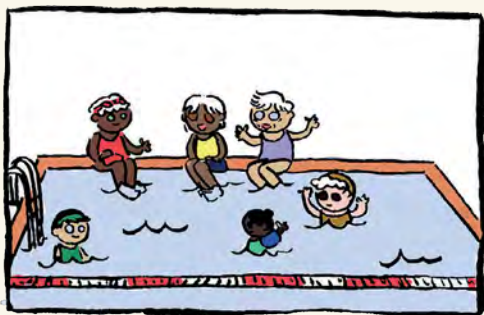


Foto: Clara Dias

Formada em Cinema e mestre em Teoria da Literatura, Luísa Lacombe é autora de coletâneas de tiras (quase) autobiográficas, entre elas *Música triste*, indicada ao HQMIX. Nesta edição, foi convidada a contar uma história que acontece em algum Sesc perto de você.







DESTAQUE

O que sustenta as



juventudes brasileiras hoje?

Por Leonardo Moraes e Ademildes Filho

As juventudes brasileiras representam 48,5 milhões de pessoas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Nos territórios em que vivem, são agentes de mudanças sociais e fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Compreendendo a arte e a cultura como ferramentas de transformação social, o Sesc criou, em 2021, o Laboratório Sesc de Artes, Mídias, Tecnologias e Juventudes (LABmais). O programa aposta no protagonismo jovem na economia criativa e na cadeia produtiva da cultura, por meio de processos formativos e experiências que estimulam colaboração, prototipação em artes, mídias e tecnologias e inovação nos territórios participantes.

A pergunta que dá título a esta matéria orientou a curadoria colaborativa do I Festival LABmais Sesc, realizado em setembro de 2025, em Caxias do Sul. Durante os encontros, profissionais de cultura e 17 jovens representantes de diferentes estados discutiram caminhos e possibilidades.

Acreditamos que o que sustenta as juventudes é a coletividade e o senso de comunidade.

Para aprofundar essa reflexão, convidamos cinco jovens que integraram esse processo curatorial para apresentarem suas perspectivas a seguir.

Leonardo Moraes é artista, pesquisador, educador, curador e analista de Cultura do Departamento Nacional do Sesc.

Ademildes Filho é produtor cultural, mediador e analista de Cultura do Departamento Nacional do Sesc.

Foto: Taináh Mendonça

sou jovem, brasileira e esperançosa

O plural na palavra juventudes não é por acaso.

O Estatuto da Juventude define como jovens pessoas que tenham entre 15 e 29 anos – ou seja, há uma ampla margem de idade e vivências aí compreendidas.

O Brasil é marcado por vários Brasis, com diferenças regionais e abismos sociais, raciais e econômicos a cada esquina. São diversas as juventudes no país, mas acredito que a coletividade e a cultura as sustentam. Porque ajudam a criar esperança; esperança de poder construir um futuro, olhar para trás e ver o quanto já se viveu, de conseguir vislumbrar possibilidades a serem vivenciadas apesar dos pesares.

A coletividade é o que permite um engajamento político e social para criar caminhos a serem trilhados, a enfrentar os momentos difíceis e comemorar os bons. E a cultura é o que movimenta o mundo e nos faz enxergar para além das nossas realidades, a sair da caixinha. É o que espanta os males, é expressão, é uma forma de nutrir e construir esse caminho de esperança.

Por isso, digo que sou jovem, brasileira e esperançosa.



Foto: Acervo pessoal

Emilly Lima

Aprendiz de batuqueira, brincante da cultura popular, pesquisadora e psicóloga. Nascida em Paracatu, no interior de Minas Gerais, é uma pessoa circulante. Já foi nômade digital por dois anos, e atualmente é mestranda em Comunicação e Cultura.

Fazer parte da juventude brasileira é viver a música de Elis Regina “Como nossos pais”. Crescer e desconstruir ideias é um processo natural durante a vida. Crescer e perceber que o mundo, apesar das constantes mudanças, também é o mundo de quem nos antecedeu, é entender e respeitar quem já esteve aqui antes de nós.

Apesar das diferenças geracionais, vivemos, enquanto juventudes brasileiras, uma grande valorização de heranças culturais. Percebemos a importância de não deixar que a memória de um povo que lutou e os espaços que podemos ocupar sejam apagados. E isso tem sustentado nossa vivência enquanto jovens, que vivem suas modernidades, mas não nos esquecemos das histórias que nos antecederam. E valorizamos cada vez mais o que é nosso! Nosso jeito Brasil com S de existir: no estilo, na música, no cinema e nas vivências de cada região deste país.

Vivemos uma juventude que tenta não ter memória curta, que passa a entender o passado para construir o futuro, levando consigo heranças das histórias do povo brasileiro.

Entender e
respeitar
quem já
esteve aqui
antes de nós



Foto: Daniel Boaz

Thalita Dias

Natural de Campo Grande (MS), tem 21 anos e é acadêmica de Teatro, atuando na cena como cantora e atriz. Vinda da periferia, desenvolveu suas habilidades artísticas no Sesc. Hoje, é cantora da dupla Mironson, atriz da Cia Perspectiva, do Arrebol Cultural e coordenadora de música do coletivo Corpocidade.

Quando pensamos nas juventudes brasileiras, atravessadas por classe social, raça, gênero, território e pelo acesso (ou não) a direitos, é importante ressaltar que o que sustenta uma pessoa não sustenta outra, e que muitas juventudes existem à margem das garantias mínimas.

As realidades, em especial quando marcadas pela desigualdade, revelam que muitos jovens engajam precocemente no mercado de trabalho para complementar a renda familiar, vivendo entre estudos interrompidos, trabalho precário, subemprego ou desemprego. As juventudes brasileiras se sustentam, muitas vezes, sustentando outros – a casa, a família, o coletivo – antes de si mesmas.

É aí que a cultura, a arte e os coletivos se tornam formas de sustento simbólico, abrigo e espaço de resistência, na qual ainda é possível errar, experimentar e criar, mesmo quando o presente insiste em negar o futuro.

Portanto, a pergunta que me atravessa é: em um país sustentado pela força jovem, quem sustenta quem, a juventude ou o país?

em um país
sustentado
pela força
jovem, quem
sustenta
quem, a
juventude
ou o país?



Alinne Mape

Artista afro-amazônida em trânsito constante entre linguagens. É formada em teatro, foi jovem curadora e palestrante no I Festival LabMais e apresentou o primeiro curta-metragem na Mostra Sesc de Cinema em 2024.

o que sustenta as juventudes brasileiras é o esperar por meio da arte

A realidade das juventudes brasileiras é marcada pela incerteza do amanhã, pela fome de ser enxergado e pela sensação de não passar de um corpo que se desloca sem rumo, sem perspectiva de chegada. É viver, muitas vezes, uma profunda sensação de vazio, agravada pela exclusão social, pela ausência de oportunidades e pela negação constante do direito de sonhar.

Em alguns contextos, a arte ocupa esse espaço e transforma a desesperança em criatividade. Uma criatividade difícil de ser cultivada, porque quase não existe ócio, pausas ou descanso. O que resta aos jovens é o sonho de alcançar seus objetivos: o desenho feito durante a aula, a poesia que deseja ser degustada por ouvidos atentos, o filme imaginado e roteirizado em pensamentos antes de pegar no sono.

O que sustenta as juventudes brasileiras é o esperar por meio da arte. Uma forma de resistência, de existência e de construção de sentido diante de um mundo que insiste em negar o futuro.



Foto: Barbara Victoria

Aganju

Eduardo Lucas, mais conhecido como Aganju, tem 25 anos e é artista visual e multimídia sergipano. Sua produção nasce do encontro entre memória, território e espiritualidade, articulando artes visuais, audiovisual e processos híbridos.

Por vivenciar a cultura desde muito nova, aprendi cedo que não se chega longe sozinha e, por isso, existir coletivamente é a nossa melhor chance. Só chegamos aqui porque quem veio antes de nós não desistiu de dar um passo no desconhecido. E talvez o que nos sustente seja o desejo de continuar desbravando, para garantir mais oportunidade para aqueles que vierem depois de nós.

Se não pelo sonho coletivo da nossa ancestralidade, pode ser que a juventude brasileira se sustente pela humildade – e igual pretensão – de acreditar que pode tornar o mundo um lugar melhor; que podemos, no auge das nossas indignações, produzir mudanças. Ou ainda, pode ser que seja por uma necessidade egoísta de falar o que trazemos no peito.

Talvez não sejamos uma geração mais ou menos especial que as demais. Seguimos com contradições e sonhos. Talvez o que sustente a juventude seja, sim, o sonho coletivo, a vontade de mudar o mundo e o desejo de existir e fazer arte como bem entender.

Ao mesmo tempo, tentamos sobreviver e ter uma carreira, constituir família, viajar, plantar uma árvore, ir à academia, comer bem, meditar e ainda postar stories sobre como conseguimos dar conta de tudo sem enlouquecer. Talvez a ansiedade tenha nos prendido dentro da nossa própria cabeça, e o que nos sustente seja a vontade incontrolável de respirar devagar, sem precisar ser nada além do que o presente permita.



Nicolý Soares

É arte-educadora, pesquisadora e produtora cultural. Escreveu *Maré alta*, livro de poemas e crônicas, fundou a É Tudo Nosso! Prod., é presidente do Instituto Canto de Integração de Todas as Artes, produtora e curadora da Feira Literária da Zona Sul e curadora do Festival Estéticas das Periferias.

se não pelo sonho
coletivo da nossa
ancestralidade, pode
ser que a juventude
brasileira se sustente
pela humildade – e igual
pretensão – de acreditar
que pode tornar o mundo
um lugar melhor; que
podemos, no auge das
nossas indignações,
produzir mudanças.
Ou ainda, pode ser que
seja por uma necessidade
egoísta de falar o que
trazemos no peito

PAUSA



**Colagem e fotografia
de Nay Jinknss**

Estudantes do Sesc
em Ananindeua, no Pará.



EM PAUTA

CORAGEM DE CRIAR

Por Mana Bernardes



Foto: Claudia Brandão

Mana é artista independente e atua em projetos de envolvimento humano. Expõe em galerias e museus e é palestrante do tema Coragem de criar. A artista conduz experiências de expressão e criação com mulheres, tem dois discos de poesia e dois livros publicados: *Mana* e *manuscritos* e *Ritos do nascer ao parir*. Aqui, ela nos mostra como criar é um processo de relação entre nós e o que está ao nosso redor.

O D
A O
fo. E
AIZEN
A TAM
E CADA
A ME
por VER
TRAQUE
ME PRE
SIMPLES
LEQUE
LATA
TIR LEQUE
LATA É RA

IA que o lixo começou
OLHAR PRA MIM FOI ESQUISITO
EU FECHAVA A TAMPONA
DIZIA: VAZA SUJISMUNDO!
A TAMPONA SE ABRE SOZINHA
E CADA TRECO DO LIXO COMEÇA
A OLHAR. UMA GARRAFA
VERDE CISMA EM ME MÔS
DE VIRAR
ESMERALDAS. AS LATAS
COMEÇAM A VIRAR LEQUES POR
RAZÃO FONÉTICA.
A LATA FALAR ~~LEQUE~~
LEQUE A LATA, REPE
LEQUE A LATA: LEQUE A
RAZÃO DE FAZER,

O dia que o lixo começou a olhar pra mim foi esquisito. Eu fechava a tampa dizendo: vaza, sujismundo. A tampa se abre sozinha e cada treco do lixo começa a me fitar. Uma garrafa pet verde cisma em me mostrar que pode virar esmeraldas. As latas me pedem pra virar leques por simples razão fonética. Leque de lata. Falar leque de lata, repetir leque de lata. Leque de lata é razão de fazer, fazer é repetir.

Criar é encarar quem tá olhando por você no mundo: as árvores, os vínculos, as histórias que atravessamos e que precisam ser contadas. A rua nos olha, os materiais nos olham. A relação formal do adultecer não abre brechas e é justamente na brecha de se relacionar com algo que não está sendo demandado ou encomendado que o brincar acontece. Até porque o criar não é cheio de não e sim.

Ele perde o chão de ser a base. Perde o lixo de ser lixo, perde a parede de serem divisórias, perde o alimento de ser aquilo que fazemos dele igual todo dia. Se perder dos sentidos formais: o chão é o lugar que solta o corpo; o lixo é uma gama de materiais para limpar, higienizar, cortar e fazer colares e brincos; a parede e o teto são atravessamentos da nossa verticalidade. E cada alimento é um reino de variação de forma de fazer textura, cor e sabor.

Você tem medo de mudar o jeito e se perder? Mas o que estou te propondo é que você perca sua mão tocando e sentindo novos materiais.

NÃO É CHEJO DE NÃO
ELE PERDE O CHÃO.
PERDE O LIXO DE S
AS PARADES DE S
PERDE O ALIMENTO
QUE FAZEMOS DELE
AIA. SE PERDER
FORMAIS: # O CH
QUE SOLTO O CORPO;
~~MATERIAL~~ ~~MATERIAL~~
NAIS PRA LIMPAR, T
GUA CORTAR E P
E BRINCO; A PAR
SÃO ATRAVESSAMO
VERTICALI

Fecha os olhos. Toca agora o que tá na sua frente. O que tenho aqui e agora é um lençol, então vou fazer isso. Não sei se amo a textura desse lençol que dormi hoje, ele não é tão suave. Vou me enfiar debaixo dele. Sempre me lembro do Pluft, o Fantasma. Então vou começar a relacionar, criar é relacionar.

Lençol – fantasma – fantasma – meus medos – posso perder esse lençol de ser lençol formal – posso – então começo a cortar as costuras das bordas – preciso tirar as bordas, desfiá-las, porque é justamente a costura da borda que limitou o tecido gigante a ser lençol e agora ele vai virar o fantasma onde irei escrever meus medos. Vixe, é tanto medo... Vou começar com o da morte.

Escrevi com lápis mesmo, é o que tinha na frente, criar é com a realidade. Vou fazer um fantasma todo escrito de medos. Escrever porque a caligrafia é a partitura da emoção. Uma hora, de tanto escrever de medo, fui desenhando flores. O lápis parecia impróprio e isso é lindo. Se fosse caneta certinha pra tecido ficaria forte demais o medo, meio transparente, virando flores no lençol áspero. As bordas desfiadas.

Agora tenho o direito do teto. Vou bater um preguinho nesse teto. Um não, só cinco. Cinco preguinhos, é laje. Uma bolinha murcha no centro, na minha sala agora fica meu fantasma e se eu cansar dele, tiro. **Estou fazendo da minha casa um espaço de criação.**

SE SIMS.

DE SER A BASE,

DE LIXO, PERDE

SEM DIVISÓRIA

DE SER AQUILO

É IGUAL TODO

DOS SENTIDOS

ÃO É O LUGAR

O LIXO É UMA TURA, COR E SABOR.

GAMA DE MATER

HIGIENIZAR, VOCÊ TEM MEDO DE MUDAR O

FAZER COLARES JEITO E SE PERDER? MAS O QUE

FEAR E O TETO ESTOU TE PROPONDO É QUE VOCÊ

NTOS DA NOSSA PERCA SUA MÃO FOCANDO E SENTIN

DADRE.

CADA ALIMENTO É UM REINO DE

VARIACÃO DE FORMA DE FAZER TEX

TO.

DO NOVOS MATERIAIS.

FERHA OS OLHOS

NO QUE TÁ NA SUA

O QUE TENTO AQUI

É UM LENÇOL, EN

FAZER ISSO. NÃO

AMO A TEXTURA DESSE

QUE DORMI HOJE, ELE NÃO É

VOU ME ENFIAR ABAIXO DELE. SEM

PRE ME LEMBRO DOS PIUFT FUSTA

MINHA.



Ouçá o texto em áudio
narrado por Mana Bernardes



IA' PIS MESMO, É QUE
FRENTE, CRIAR É C
RAAR. ~~EU~~ VOU FAZER UM
TODAS ESCRITO DE MEUAS
PORQUE A CALIGRAFIA
TURA DA EMOÇÃO. UM

ENTÃO VOU COMEÇAR A RELACIONAR, DE TANTO ESCREVER A
CRIAR É RELACIONAR. FUI ARSENHANDO FLO
LENÇOL → FANTASMA → FANTASMA → PARECIA IMPRÓPRIO E
MEUS MEUAS → ~~POSSO~~ POSSO PERDER DO, SE FOSSE CANETA
ESSE LENÇOL A SER LENÇOL FORMAL? PRA TERIAO FICARIA
→ POSSO → ENTÃO COMEÇO A CORTAR O MEU, MEIO TRANS
AS COSTURAS DAS BORDAS → VIRANDO FLORES N
PRECISO TIRAR AS BORDAS, DESFIÁ-LAS, A'SPERO. AS BORDA
PORQUE É JUSTAMENTE A COSTURA
PA BORDA QUE LIMITOU O TERIAO
GIGANTE A SER LENÇOL E AGORA
E ELE VAI VIRAR O FANTASMA
ONAE IREI ESCREVER MEUS MEUAS
VIXE, É TANTO MEDO... VOU COMEÇAR
de... E... DEVI COM

FINHA NA
OM A REALI
FANTASMA
ESCREVER
É A PARTI
HORA
MENSAGENS
O LÁPS
É LIN
A CERTINHA
FORTE FORTAIS
PARENTE,
O LENÇOL
S DESFIADAS.



CAPA



An orange flower with a yellow center and dark spots, positioned in the top left corner.

SESC 80 ANOS

Uma forma de habitar o tempo

Por Camilla Savoia



Todo mundo quer viver bem. Mas como? Existe uma fórmula melhor do que a outra? Receita de bolo sabemos que não existe. Basta a gente viver de forma atenta que notamos o encantamento que há a todo momento por aí. Se a gente vai para a arena, nos damos conta de pelo menos uma coisa nesta vida: a gente simplesmente não sabe.

Essa é a hora do filme que a personagem se olha no espelho do banheiro quando chega em casa cansada e pensa: e agora, o que fazemos com o nosso tempo aqui?

É então que você aprende, no seu tempo, que a vida é feita de perguntas infinitas. Todas sem resposta. A graça é não deixar de se perguntar.

Existem muitas formas de viver e contar uma história. Há 80 anos, tomamos uma decisão todo dia. A nossa história é sempre a das pessoas.

Acreditamos que o Sesc pode ser o caminho entre o tempo e a vida cotidiana de cada pessoa que passa pela gente. Um espaço para se aprender em comunidade. Tudo o que podemos ser. E não tem nada de pretensioso nisso, a gente constrói todo dia, não nos inventamos do nada.

Pensemos na prática que é estar vivo: a vida pode ser o pneu que começa a rodar solto no meio da estrada, seu filho que te espera chegar em casa já cheio de sono, aquele café corrido de quase todo dia, o caminho errado que pegamos e só tem um retorno a não sei quantos quilômetros de nós, aquele frio na barriga que não sabemos explicar, o sono traiçoeiro no meio da tarde ou uma resposta atravessada de alguém que a gente ama.

O inesperado, que é quase tudo.

O Sesc está neste meio entre uma coisa e outra. É vida prática que acontece. É academia, cafezinho, sala de aula, cadeira do dentista, exame de mama, oficina, teatro, filme, piscina. E o que ele também é: o corpo que vai para a academia sem nem saber como conseguiu chegar lá, a empreendedora que faz uma curva no caminho porque entendeu que a vida não é uma linha reta, o professor que acredita mais ainda quando alguém o faz lembrar, a pessoa que atende tanta diferente gente que vem de cada lugar do país,

**Existem
muitas formas
de viver e
contar uma
história.
Há 80 anos,
tomamos
uma decisão
todo dia.
A nossa
história é
sempre a
das pessoas.**

a operária da arte que sabe que o glamour é mais para quem vê de fora. Somos mais parecidos entre si do que imaginamos. No fundo e na beira, o que queremos é nos sentir vivos.

Nestes 80 anos, convidamos oito pessoas: um psicanalista, uma usuária do nosso público prioritário, um motorista, uma empresária, uma profissional da área de Relacionamento do Sesc, um professor, um instrutor de Esporte e Recreação, uma atriz, entre tantos jeitos de trabalhar, se relacionar e existir. Histórias distintas, caminhos próprios – mas todas pessoas. Pessoas que, à sua maneira, constroem sonhos.

Helivelton, Jacklene, Marieta, Renato, Regina, Luiza, Christian, Phillippe.

Todos nomes brasileiros. Gente que vive uma vida brasileira. Há 80 anos, somos feitos de histórias brasileiras.

Afinal, o Sesc é aberto para toda a sociedade. Amigos, vizinhos, estudantes, famílias inteiras. Nasce com um olhar atento aos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo e suas famílias, nosso público prioritário, mas todo mundo participa, cada público com sua forma de acesso. É para o trabalhador, para a família e para a comunidade. É para o Brasil.

A maravilha disso tudo é saber que, aqui, todo mundo pode viver bem. Que a gente viva, da melhor forma possível, agora.

E o que é viver? Cada pessoa que se pergunte da forma que escolher. O lance é não ter uma resposta, mas sustentar a pergunta. E confiar. Na vida, no mistério, no amor, na alegria. No tempo.

Estamos aqui para isso, afinal. Sustentar nossos desejos e angústias que vêm desde a infância, aqueles pequenos fragmentos de memórias e perdas e que nos fazem ser a criança que somos até hoje.

Seja qual for a próxima pergunta que você vai querer se fazer, a gente está sempre aqui, querendo viver uma vida boa com você.

Uma vida inteira em cena

São 80 anos de vida e 60 de profissão. Sempre que penso no Sesc, penso num ideal de política cultural. Porque o Sesc conseguiu, nesses anos todos, estabelecer um padrão artístico, uma consistência, uma atuação que realmente faz diferença.

Quando me vem a quantidade de peças que se tornaram possíveis porque o Sesc financiou, apoiou, acreditou... penso também numa coisa que acho absolutamente fantástica: a quantidade de teatros que o Sesc construiu. E teatros de excelência. Eu já fui a vários. São lindos, são incríveis.

Isso tudo revela um pensamento profundo de respeito. Uma consciência real sobre o que é política cultural, sobre o que é teatro. Um modelo que considero exemplar para o nosso país.

E não dá para falar do Sesc sem falar de Danilo Miranda. Ele foi fundamental para esse posicionamento, para esse espaço que o Sesc assumiu na cena teatral – de forma brilhante, criativa, assertiva.

Agora, olhando para a minha trajetória, tenho um orgulho enorme de ter inaugurado o Sesc Copacabana. Estava lá na primeira peça daquele teatro, que foi projetado por Oscar Niemeyer. Só isso já diz tudo, né? Incrível.

Eu comemorei meus 30 anos de carreira ali. O Oscar Niemeyer, inclusive, foi. A gente o convidou para assistir a um ensaio. E ele, simpaticamente, foi, sabe? Tenho muito orgulho disso.

Sempre que entro naquele teatro, lembro: “Gente, a primeira peça aqui foi Torre de Babel, de Fernando Arrabal, com direção de Gabriel Villela”. Era a peça que eu produzia, fazia, e com a qual comemorava meus 30 anos de carreira.

Tudo isso faz parte da minha história. E faz parte da história do Sesc comigo.

Em 1946, nasceram dois apaixonados pelo teatro, o Sesc e eu. Que honra! Ele é de setembro, eu de novembro. Ele é mais velho que eu, mas pertinho, pertinho. Que bom. Dois que se dedicaram de corpo e alma, cada um à sua maneira, a ampliar espaços, encontros e possibilidades.

Marieta Severo, atriz, produtora teatral e perdidamente apaixonada pela vida



“Em 1946,
nasceram
dois
apaixoa-
nados
pelo
teatro,

o Sesc
e eu.”

- Marieta Severo

Aprender em comunidade

O Sesc ocupa um lugar singular na sociedade brasileira. Quando penso na instituição, sinto, sobretudo, como um espaço de encontro.

Na educação, é uma rede que amplia repertórios e faz circular experiências. Um ambiente em que diferentes saberes se encontram e se transmutam. Todas as vezes que participei de atividades e encontros em unidades do Sesc, algo sempre me chama a atenção: a diversidade do público.

São pessoas de idades e histórias muito diferentes, reunidas num mesmo local, com curiosidade e abertura para aprender e compartilhar. E isso não acontece por acaso. Existe, no Sesc, uma vontade muito forte de criar ambientes de escuta e diálogo.

O Sesc aproxima mundos que, muitas vezes, parecem separados: a universidade, a escola, os movimentos culturais, a vida cotidiana. Nesse encontro, educação, arte, esporte e cultura deixam de existir isolados e passam a fazer parte da experiência de vida das pessoas. Isso é muito poderoso.

Num país como o Brasil, marcado por profundas desigualdades no acesso aos bens culturais e às oportunidades de formação, instituições que ampliam o acesso ao conhecimento e estimulam o pensamento crítico têm um papel fundamental.

O que o Sesc faz é criar condições para que as pessoas ampliem seus horizontes, encontrem múltiplas referências e fortaleçam vínculos com a comunidade. O que é essencial para a construção de uma sociedade cada vez mais plural e democrática.

**Renato Nogueira, professor, filósofo,
escritor e grande aprendiz dos encontros**



Foto: Vítor Carlos Oliveira

**“O Sesc
aproxima
mundos
que,**

**muitas
vezes,
parecem
sepa-
rados.”**

- Renato Noguera



Rata de Sesc

Sempre fui ao Sesc. Amo viajar pelo Sesc, amo. Já conheço 26 hotéis e estou indo rumo a mais dois: Triunfo e Garanhuns. Comecei a viajar pelo Sesc há 39 anos; o primeiro foi Caldas Novas. Minha lua de mel foi no Sesc, em 1985, em Venda Nova, em Belo Horizonte. Depois fomos para Poços de Caldas. Desde então não parei mais.

O que me cativa é o conjunto: a infraestrutura, o atendimento e o carinho das pessoas. E ainda cabe no orçamento do público, sabe? Hoje meu marido e eu somos aposentados, então a gente precisa ter cuidado com o orçamento. Mas o Sesc é acessível.

Moro em Santos, e tem um Sesc a uns 200 metros de casa. Almoço lá quase todos os dias. Pago 16 reais numa refeição maravilhosa. Vou a shows, teatro, tomo café lá quase toda tarde. Hoje mesmo vou fazer acupuntura e depois já desço para o cafezinho.

E a gente acaba fazendo amizade, né? Encontro antigas colegas de trabalho, converso na comedoria, fico ali batendo papo... Mas o que mais amo são as viagens.

Ano passado fiz três seguidas. Cinco dias em cada uma, quinze dias viajando: Grussaí, Praia Formosa e Domingos Martins. Geralmente vamos meu marido, José Carlos, e eu. Nosso filho mora na Austrália há quase dez anos, então agora viajamos mais nós dois.

No Sesc, participamos de tudo. Tudo mesmo. Recreação, gincana, dança. Às vezes até ganhamos prêmios. Já teve viagem em que saímos com cinco drinques de brinde. A gente entra nas atividades sem vergonha nenhuma. E é assim que surgem as amizades. Tenho amigos que conheci em hotéis do Sesc nos anos 1980 e que encontro até hoje.

Com o Sesc, viajei mais do que imaginei. Não teria viajado metade do que viajei, sei disso.

E ainda faltam 17 hotéis para conhecer. Então não dá para parar agora. Por isso brinco que meu marido e eu somos meio ratos de Sesc. Que sou rata de Sesc. Há quase 40 anos viajo, participo de tudo e faço amizades que atravessam décadas.

**Regina Célia Reis, aposentada do Comércio,
fã de carteirinha do Sesc e sempre pronta para voar**

“Com
o Sesc,
*viajei
mais*

do que
ima_
ginei.”

- Regina Célia Reis

A capacidade de pertencer

Vivemos um tempo curioso. De repente, parece que as pessoas não precisam mais pertencer a lugar nenhum. Nem ao próprio corpo, nem à própria profissão, nem à própria idade. Tudo pode ser redefinido a qualquer momento. O problema é que, quando o pertencimento desaparece, outra coisa surge no lugar: o adoecimento.

Costumamos falar de saúde mental como se fosse simplesmente bem-estar. Mas talvez a definição seja outra. Saúde mental é a capacidade de pertencer. De encontrar um lugar possível no mundo.

Durante muito tempo, individualizamos os sofrimentos. Cada um com o seu. Cada um tentando resolver sozinho aquilo que, muitas vezes, é coletivo. O resultado é uma população que não sabe partilhar e reconhecer que o próprio sofrimento pode ser escutado pelo outro – e que, nessa escuta, podem surgir experiências reais de encontro.

Por isso, iniciativas voltadas à saúde mental e à qualificação das relações humanas são absolutamente essenciais. Precisamos sair de um modelo que transforma sofrimento em desempenho e encontrar formas mais humanas de viver.

Hipócrates, o pai da medicina, dizia que os médicos curam o que pode ser curado e aliviam o sofrimento que pode ser aliviado. Mas existe também aquilo que não pode ser curado: nossos limites, nossa finitude – tudo aquilo que faz parte da condição humana.

Cuidar da saúde também é reconhecer essa dimensão da vida. E isso envolve criar espaços onde as pessoas possam compartilhar experiências e construir vínculos.

É por isso que instituições como o Sesc têm um papel tão importante.

Ao criar espaços de encontro, o Sesc abre caminhos para algo essencial no campo da saúde: a possibilidade de se expressar no mundo e de se sentir pertencente a uma vida em comunidade.

No fundo, cuidar da saúde mental é também aprender a escutar. E existe uma regra simples para abrir a porta de alguém: oferecer aquilo que se pede. Se queremos mais honestidade, precisamos oferecer honestidade. Se queremos mais intimidade, precisamos oferecer intimidade.

É assim que a gente cria espaço para que as pessoas se sintam pertencidas.

**Christian Dunker, psicanalista, professor
e abridor de caminhos para uma saúde melhor**



Foto: Giulia Collet

**“Ao criar
espaços
de
encontro,**

o Sesc
abre
cami_
nhos.”

- Christian Dunker

Gente que move um país

O Sesc é um grande parceiro do empresário do comércio porque cuida do que há de mais importante em qualquer negócio: as pessoas.

Quando o comerciante tem acesso à cultura, à educação, ao lazer, à saúde, ao bem-estar, ele vive melhor. Isso fortalece as empresas, o setor e o país.

Sempre enxerguei o Sesc como um espaço democrático e acolhedor, onde pessoas de todas as idades podem conviver e descobrir coisas novas. Um lugar que aproxima e inspira. Que faz parte da história de milhões de brasileiros, e da minha também.

Recentemente estive na inauguração do Sesc Franca e fiquei muito impressionada. A cidade muda completamente quando o Sesc chega. De repente surgem oportunidades de esporte, cultura, lazer e formação. É algo que transforma a vida das pessoas.

E isso tem um impacto enorme no Brasil. Por isso digo que o Sesc tem um papel fundamental na construção de um país mais justo.

As empresas do futuro vão precisar ser cada vez mais inovadoras e comprometidas com a sociedade. E o Sesc pode contribuir muito para esse futuro, continuando a formar cidadãos e estimulando a cultura, o pensamento crítico, a convivência e o bem-estar.

Investir nas pessoas é uma forma concreta de reduzir desigualdades. E instituições como o Sesc mostram, na prática, que o econômico e o social precisam caminhar juntos.

Um país não se constrói apenas com números econômicos, mas com gente bem cuidada, consciente e preparada. E nisso o Sesc é um exemplo há 80 anos.

Luiza Trajano, empresária, presidente do Conselho de Administração do Magazine Luiza e do Grupo Mulheres do Brasil e uma criadora de sonhos



Foto: Miro

**“A cidade
muda
completa_
*mente***

quando
o Sesc
chega.”

- Luiza Trajano

Foto: Acervo pessoal



O melhor do caminho

No Sesc, a gente trabalha com três rotas: sul, norte e centro. A cada mês a gente vai alternando. No dia a dia, normalmente passamos em seis, às vezes oito mercados. Recolhemos o que não está bom para venda, mas ótimo para consumo.

Tudo vem para a unidade do Mesa Brasil. Aqui os alimentos são separados e depois distribuídos para as entidades que atendem famílias em situação de vulnerabilidade.

Antes eu trabalhava dirigindo ônibus rodoviário. Dirigir sempre foi minha profissão. Mas aqui tem uma diferença: a gente sabe para onde aquilo que está no caminhão vai. É um trabalho puxado, claro, mas muito gratificante.

Teve um dia que marcou muito pra mim. Levamos uma carga grande de abacaxi para um bairro aqui de Campo Grande. Lembro que de alguma forma os moradores souberam antes e, de repente, chegou muita gente. Pode parecer pouco: era abacaxi. Mas, para muitas daquelas pessoas, era a refeição do dia. Talvez a única.

O que fica marcado para mim, no Sesc, é cada sorriso que recebo. A alegria de quem recebe o alimento. Essa sensação não sai da cabeça da gente. Dirigir é uma grande responsabilidade, existe certo peso nisso. Mas saber que estou levando comida para quem precisa muda tudo: se torna uma responsabilidade boa.

E eu também uso o Sesc. Ano passado frequentei bastante a academia e o restaurante. Minha família também participa. No fim do ano levei minha filha, que tem dois anos e meio, para uma atividade de recreação que o Sesc organizou na cidade. Ela adorou. Tem muita energia, sobe, pula, corre pra todo lado.

Antes de trabalhar aqui, quem usava bastante o Sesc era minha mãe. Ela fazia exercício e participava de atividades para pessoas idosas. Hoje vejo ainda mais de perto a importância do Sesc. Os restaurantes, por exemplo, atendem muita gente que trabalha no comércio, com comida boa e preço acessível.

E tem o Sesc Mesa Brasil. Muita gente acha que a fome é coisa do passado. Mas não é. Ainda tem muita família que precisa de ajuda. Às vezes o alimento que a gente entrega é o que garante a refeição daquele dia. E fazer parte disso é o que torna tudo tão especial.

Helivelton Oliveira, motorista do Sesc Mesa Brasil em Campo Grande (MS) e um ótimo conector de gente

**“O que
fica
marcado
para mim,
no Sesc,**

*é cada
sorriso
que
recebo.”*

- Helivelton Oliveira

Quando apareço, é aquela festa

O mais emocionante no Sesc é a energia das pessoas. A gente recebe hóspedes do país todo, famílias que chegam em nossa unidade para descansar e se divertir. Aqui, trabalho com esporte e recreação, principalmente na hidroanimação, que acontece na piscina.

É um momento especial, porque reúne muita gente ao mesmo tempo. Música, dança, brincadeira... e, de repente, a piscina inteira está participando. E o mais bonito é que não tem idade. É todo mundo junto mesmo.

Os hóspedes já sabem o horário da atividade. Às vezes me encontram pelo hotel e dizem: “Você é o cara da piscina, né? Então às onze a gente está lá”. No carnaval fica ainda mais animado. Cada dia apareço com uma fantasia diferente e o pessoal tenta adivinhar qual vai ser a próxima. Entro sempre escondido, com microfone, perguntando se estão prontos.

Quando apareço, é aquela festa. Isso tudo é muito a cara do Sesc: alegria com gente de todo lugar se encontrando. Sem contar que o Sesc é uma diversão. Já visitei outras unidades e participei como um dos embaixadores do Sesc Verão, circulando por diferentes atividades. É um mundo.

O Sesc Grussaí é enorme, parece até uma pequena cidade. E o mais bonito é ver como as pessoas se conectam aqui. Famílias que voltam todos os anos, grandes amizades que começaram no Sesc e são mantidas por décadas.

Trabalhar aqui me faz muito feliz. No Sesc, não tem idade: todo mundo entra na brincadeira e a alegria toma conta. A gente se sente ouvido e valorizado e, acima de tudo, sinto que faço parte de algo maior. E no dia seguinte tudo começa de novo.

Onze da manhã, piscina cheia, todo mundo esperando a música começar.

**Phillipe Benini, instrutor de Esporte e Recreação
do Hotel Sesc Grussaí (RJ) e um artista da alegria**



**“Isso tudo
é muito
a cara do
Sesc:**

alegria
com
gente
de todo
lugar.”

- Phillippe Benini



CREDENCIAL SESC

Chuan

Cuidar das pessoas de perto

Estou no Sesc há dezoito anos. Entrei na central de atendimento e, desde 2012, trabalho na área de Relacionamento com Empresas. Meu trabalho é conversar com empresários e com o RH, visitar empresas, apresentar o Sesc e fazer o credenciamento dos funcionários.

Eu sempre digo: a pessoa só não usa o Sesc quando não conhece.

Antes de trabalhar aqui, não tinha ideia da dimensão que é. Hoje uso praticamente tudo. Faço academia, almoço no restaurante, vou às consultas odontológicas e me hospedei em hotéis que sempre indico para todo mundo. Para mim, são cinco estrelas. Sempre fico impressionada. São lugares lindos e com estruturas excelentes.

Às vezes as pessoas perguntam se a comida do restaurante é boa, já que o preço é mais acessível, sabe? E o que acontece é que, além de ser deliciosa, o cuidado com a limpeza e com o atendimento é impressionante.

Minha família também participa bastante. Tenho dois filhos, um de 26 e outro de 16. O mais novo estudou no Sesc até o quarto ano. Depois foi para outra escola e sempre se destacou. Quando ele fez a prova do Instituto Federal do Tocantins para o ensino médio, ficou em primeiro lugar no estado. Eu tenho muita gratidão pela metodologia que é a escola do Sesc.

A verdade é que trabalhar aqui significa acolher pessoas. A gente recebe muito cuidado da instituição e leva essa sensação para o atendimento com o público. O Sesc tem muito cuidado em tudo, e isso é o que mais me emociona. Cuida do trabalhador do comércio e da família dele, oferecendo qualidade de vida, oportunidade e bem-estar.

Na minha vida, é muito importante. Foi trabalhando aqui que consegui terminar minha faculdade, conquistar minha casa própria, dar oportunidades para meus filhos e até incentivar minha mãe a praticar atividade física.

Sempre digo para as pessoas valorizarem tudo isso. O Sesc é uma instituição que, de fato, se importa. Sou muito feliz aqui. Gosto de gente, de conversar, atender e ajudar. Estar perto das pessoas é o que me move – e é isso que encontro todo dia.

Jacklene Barbosa Araújo, da área de Relacionamento do Sesc Palmas (TO) e atenta ao outro, por natureza

**“Eu
sempre
digo:**

a pessoa
só não
usa o Sesc
quando
não
conhece.”

- Jacklene Barbosa Araújo

NOSSOS NÚMEROS

Foto: Nay Jinkss

Trabalho Social com Grupos

Aqui, todas as pessoas
podem viver experiências
inesquecíveis

(dados de 2025)

11,1
milhões

de credenciados

9,4
milhões

de inscritos em
nossas atividades

Em todo o Brasil
tem Sesc

atuação em

+ de 2 mil
municípios

650
unidades
fixas

169
unidades
móveis

78 mil

alunos na Educação Básica
(Infantil, Fundamental,
Médio e Jovens e Adultos)



Foto: Elisângela Leite

matriculados em

234 escolas



1,7
milhão

de inscritos nas
atividades e
serviços de Saúde



39,6
milhões

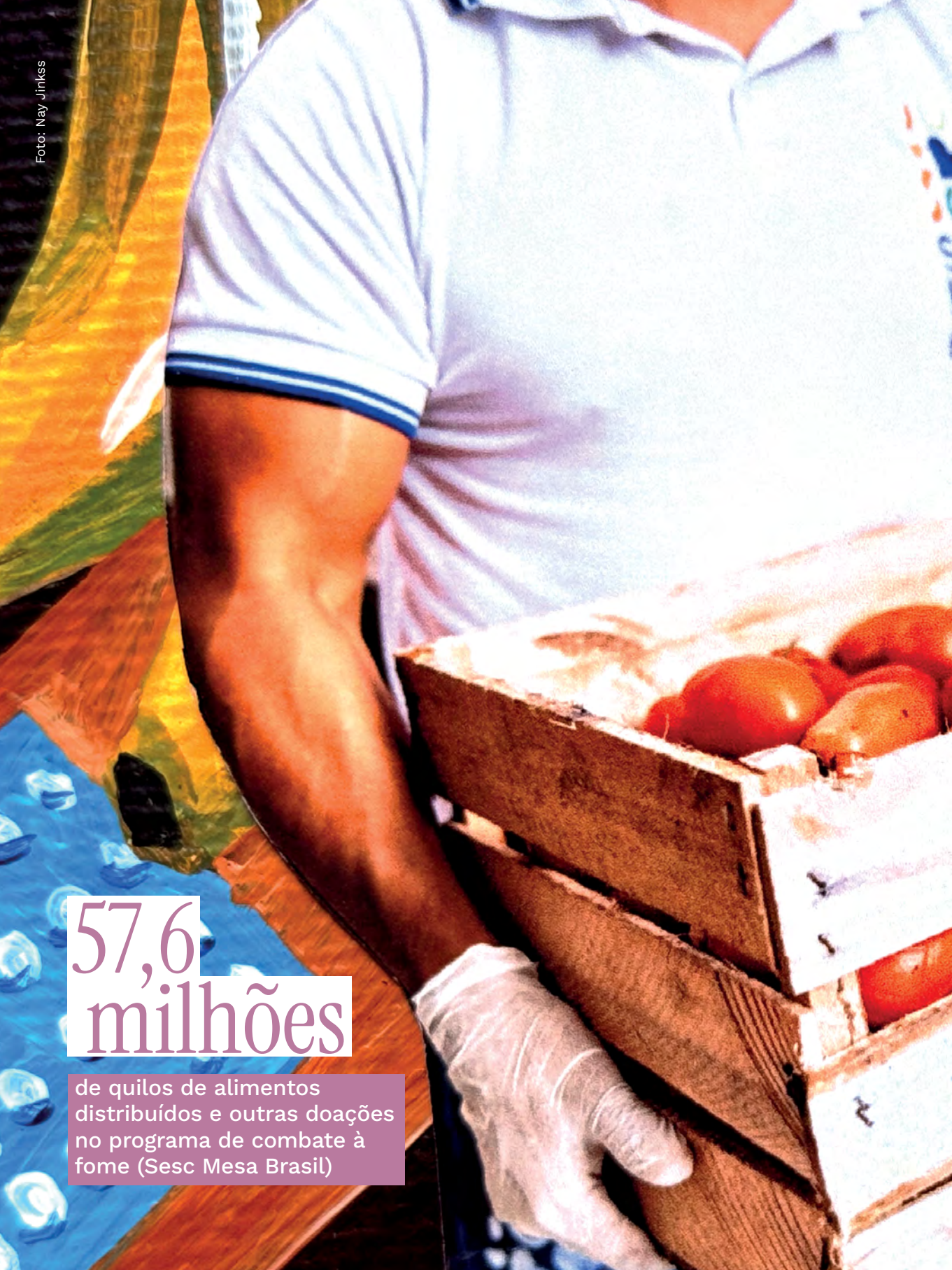
de pessoas impactadas
pela Cultura

4,3
milhões

de inscritos nas
ações de Lazer



Foto: Deyse Cruz Noronha



57,6
milhões

de quilos de alimentos
distribuídos e outras doações
no programa de combate à
fome (Sesc Mesa Brasil)



para uma média de

2,7
milhões

de pessoas todo mês

Res pi ros

Por Camilla Savoia

Antes de virar projeto ou um endereço na cidade, o Sesc nasce na cabeça da gente. Começa quando alguém percebe que pode se redescobrir e, sempre, aprender algo. Seja nadar, dançar, ler, falar ou existir do jeito que se é.

O Sesc nunca foi só uma piscina ou um palco. É o que acontece entre as pessoas. A conversa depois da aula. Aquele instante entre uma coisa e outra. O retorno para casa.

Gosto de imaginar o Sesc como uma pessoa curiosa, que já viveu muito, e, exatamente por isso, continua interessada. Alguém que escuta antes de falar, vive suas histórias e vislumbra todo dia tantas outras.

Nesta edição, convidamos crianças e jovens a imaginar cenas como essas: se o Sesc fosse uma pessoa, quem seria? Que superpoder teria? O que ainda não existe aqui, mas poderia existir?

Ser Sesc é saber que nada está pronto. Nossa única certeza é a mudança.

Há 80 anos, seguimos assim: feitos de histórias – e abertos às próximas.

Oi, pessoal !

Um dia perfeito no Dese ! tem piscina e tobogã com 3 looping e 10 zig-zag, também tem muita gelatina de uva no restaurante.

Eu adoro o Dese Grussai, lá tem um museu com as maravilhas do mundo.

Otto



Descreva um dia perfeito no Sesc

Oi, pessoal!

Um dia perfeito no Sesc tem piscina e toboágua com 3 loopings e 10 zig-zag. Também tem muita gelatina de uva no restaurante.

Eu adoro o Sesc Grussaí. Lá tem um museu com as maravilhas do mundo.

Otto, 8 anos

Se o Sesc fosse uma Pessoa...

Se o Sesc fosse uma Pessoa, eu acho que seria uma mulher de 26 anos, Muito animada, que ama trabalhar todos os dias da semana e faz questão de achar tempo para fazer esportes, culinária, inventar coisas para fazer e ajudar em ONGs que trabalham com acessibilidade. Depois de tudo isso, ela pega um livro de sua estante e começa a ler como se estivesse vivendo aquela história. Ela lê todos os dias, às vezes pensando como se fosse uma Princesa, outras vezes uma heroína e até como se fosse uma vilã. O melhor de tudo isso é que ela trabalha seu conhecimento no dia a dia. E ela ama viver fazendo tudo o que dá da telha, pois ela é criativa e repleta de ideias.



Laura

Se o Sesc fosse uma pessoa, como ela seria?

Se o Sesc fosse uma pessoa, eu acho que seria uma mulher de 26 anos, muito animada, que ama trabalhar todos os dias da semana e faz questão de achar tempo para fazer esportes, culinária, inventar coisas para fazer e ajudar em ONGs que trabalham com acessibilidade. Depois de tudo isso, ela pega um livro de sua estante e começa a ler como se estivesse vivendo aquela história. Ela lê todos os dias, às vezes pensando como se fosse uma princesa, outras vezes uma heroína e até como se fosse uma vilã. O melhor de tudo isso é que ela trabalha seu conhecimento no dia a dia. E ela ama viver fazendo tudo o que dá na telha, pois ela é criativa e repleta de ideias.

Laura, 13 anos

Eu imaginaria um hotel Temático do _____
Futebol Brasileiro. Ele teria uma piscina com
Bata-carrão de raso e a Tarta, uma fazendinha de
Pernão Mole Brã e de muita sem categoria e
Bisnagueteira de Coca e de Sôci. Eu ia amar! ♥

Leticia



O que você inventaria no Sesc hoje?

Eu inventaria um hotel temático do folclore brasileiro. Ele teria uma piscina com boto-cor-de-rosa e a Iara, uma fazendinha do Bumba meu boi e da mula sem cabeça e brinquedoteca da Cuca e do Saci. Eu ia amar ♥

Letícia, 8 anos

Reitor em proximidade do amor do
Sere, eu desejo que tenha com
vez mais melhorias, que ele
continue sempre um ^{espírito}
de exultante, cultura e
manifestação. Desejo também
que haja muita arte e impor-
te, principalmente futebol.

Que a evolução dos valores do
Sere continue excelente. E por
fim que nunca tenha a
consciência de existir e de fa-
zermos as coisas acedida-
das no processo paten-
cial.

Ass: Altus

O que você deseja para os próximos 80 anos de Sesc?

Para os próximos 80 anos do Sesc, eu desejo que tenha cada vez mais melhorias, que ele continue sendo um espaço de acolhimento, cultura e transformação. Desejo também que haja muita arte e esporte, principalmente futebol. Que a educação das escolas do Sesc continue excelente. E por fim que nunca perca a essência de cuidar e de fazer as pessoas acreditarem no próprio potencial.

Artur, 13 anos

Se o SESC fosse uma super-heróina
teria o poder de saber quais pessoas
estão tristes, e levar diversão para
elas.



Se o SESC fosse uma super-heróina
teria o poder de voar e levar
alegria para todas as pessoas do
mundo:



Se o Sesc fosse uma super-heroína, qual seria seu superpoder?

Se o Sesc fosse uma super-heroína teria o poder de saber quais pessoas estão tristes, e levar diversão para elas.

Giovanna, 9 anos

Se o Sesc fosse uma super-heroína teria o poder de voar e levar alegria para todas as pessoas do mundo.

Alice, 5 anos

Cuidado que acompanha o trabalho

Por Daniel Vidal

Tem dias em que o corpo funciona no automático. O despertador toca, o café da manhã é apressado e as tarefas começam antes mesmo do primeiro bom-dia. Para quem trabalha ou empreende, o ritmo costuma ser intenso, atravessado por preocupações, responsabilidades e decisões que ocupam o dia. Em meio a essa dinâmica acelerada, um desafio muitas vezes fica em segundo plano: manter o equilíbrio e o cuidado consigo.

O trabalho ocupa uma parte importante da vida e seus efeitos não se limitam ao horário comercial. Podem afetar a disposição, a qualidade do descanso, a concentração e a forma como as pessoas se relacionam. Com o passar dos anos, tudo isso se acumula.

A boa notícia é que a noção de bem-estar vem se ampliando. O autocuidado deixou de ser algo pontual para se tornar parte essencial da rotina.



Foto: Marizilda Cruppe

E essa mudança de olhar também tem ganhado espaço nas orientações que regulam as relações de emprego: uma atualização recente da diretriz geral sobre segurança e saúde no trabalho reforçou a necessidade de avaliar e gerenciar riscos psicossociais nos ambientes corporativos.

Em termos simples, significa que as empresas devem observar com mais atenção situações que impactam o equilíbrio emocional dos trabalhadores, como sobrecarga, pressões excessivas, falta de pausas adequadas e ambientes desgastantes, e agir para reduzi-las.

Mais do que uma exigência normativa, ambientes mais saudáveis favorecem o engajamento, o desempenho e a permanência das pessoas, enquanto rotinas exaustivas acabam gerando estresse constante e distanciamento nas relações. Cuidar do bem-estar, portanto, passa a ser também uma forma de fortalecer as próprias organizações.

Saúde Integral do Trabalhador

O Sesc vem ampliando sua atuação em todo o país a partir de uma visão de saúde integral do trabalhador, que considera corpo, mente e relações sociais como partes do mesmo processo. A proposta busca integrar o cuidado ao cotidiano das pessoas, reconhecendo que vida, trabalho e saúde caminham juntos.

Por meio do Sesc Empresas, essa abordagem se transforma em iniciativas realizadas no ambiente profissional, com atividades de prevenção, ações educativas, experiências culturais e práticas que estimulam o bem-estar.

Em parceria com as empresas, o Sesc atua para ajudar a construir ambientes mais equilibrados, em que relações profissionais e qualidade de vida se fortalecem ao longo do tempo. Afinal, quando o cuidado entra na rotina, deixa de ser um assunto distante e passa a acompanhar o dia a dia como parte da vida.

O Sesc Empresas aproxima o Sesc das empresas do comércio de bens, serviços e turismo com ações voltadas à saúde integral e ao bem-estar dos trabalhadores.

As iniciativas incluem atividades variadas, pensadas de acordo com as necessidades e a realidade de cada empresa.

Para conhecer as possibilidades, procure a unidade do Sesc mais próxima.

Assista aqui nossas histórias do Sesc Empresas



“O Sesc é uma das parcerias mais importantes que temos. São muitas as oportunidades dos nossos colaboradores usarem os benefícios. Isso faz com que eles se sintam valorizados. Eu faço a maior propaganda aqui na empresa!”

**— Carlos Eduardo Alves Pereira,
diretor-executivo de Turismo
na Bancorbrás**

NOSSA HISTÓRIA

Escrever para existir

Por Alice Cardoso

**Renata e Letícia mostram
como a escrita e a
coletividade podem ajudar
mulheres a ressignificar
dores, afirmar identidades e
construir futuros possíveis**





Na cidade maravilhosa, o Mulheres Plurais promove diálogo e reflexão sobre as múltiplas expressões do feminino, suas vivências e desafios na sociedade brasileira.

Inspirado na escrivência de Conceição Evaristo, dentro do projeto Mulheres Plurais, nasce o Laboratório de Narrativas Femininas no Sesc Rio de Janeiro. Em encontros conduzidos pela escritora Carolina Rocha, a Dandara Suburbana, as participantes construíram textos inspirados em suas vivências, que ganharam forma e se tornaram livros que compõem uma coletânea – *Escrever a mãe: narrar a vida a partir da trajetória de mães atípicas*, *Ventania de cura: a escrita como instrumento de liberdade* e *As protagonistas do jogo: negritude, futebol e escrita*.

Aqui, vamos conversar com Renata Cristina da Silva e Letícia da Hora, mulheres que participaram desse processo de construção e puderam, por meio das palavras, refletir sobre as passagens do tempo.

Saiba mais sobre o Mulheres Plurais e acesse os livros da coleção Laboratório de Narrativas Femininas



**“Queria saber
o que as mães
de crianças
PCD estavam
fazendo e
encontrei
um projeto
do Sesc que
promove a
saúde mental
de mães
atípicas.”**



Foto: Acervo pessoal

Integrante do Mães Atípicas, Renata Cristina da Silva (à esquerda) revisita o caminho de se reconhecer mãe de uma criança no espectro autista e fala sobre os estigmas ainda presentes na sociedade e a importância de redes de apoio.

Parte do projeto Sesc +Social, Mães Atípicas dá suporte para mães de crianças com deficiência, oferecendo um espaço de escuta e reconhecendo o importante papel do cuidado.

Em entrevista à *Azul e amarelo*, Renata fala sobre a maternidade sem filtro, mas com afeto: das dores silenciosas ao poder do encontro, da solidão ao acolhimento. Um relato sensível e honesto sobre o ato de cuidar e das possibilidades que nascem quando alguém enfim diz: “você não está sozinha”.

Como foi o processo de se reconhecer uma mãe atípica?

Renata: Eu era uma workaholic. Amava trabalhar, estudar, conhecer novas pessoas, novidades... Meu filho nasceu com complicações que, na época, eu não sabia quais eram. E percebi em pouco tempo que não conseguiria voltar para o trabalho, apesar de ser uma decisão difícil. Além disso, fui mãe aos 36 anos, e isso, para a sociedade, é um tabu.

Há um certo estigma social...

Renata: Pois é. Mulheres que decidem trabalhar e construir a própria vida antes de ser mãe escutam frases duras. Quando eu relatava o que estava acontecendo com meu filho, Bernardo, respondiam “Ah, isso é coisa de mãe velha” ou “É mãe de primeira viagem, está exagerando”. E eu não conseguia ajudar meu filho. Foi uma investigação longa, difícil, mas, depois de anos, ele enfim recebeu o diagnóstico de autismo.

O diagnóstico tem um papel muito importante. Qual é o nível de autismo do Bernardo?

Renata: Assim que ele fez 8 meses, parou de se comunicar, olhar nos olhos, se desligou do mundo. Naquela idade, havia diversos sinais, então imagino que seria um nível 3 de TEA, só que os médicos não davam atenção.

Quanto mais cedo é feita uma intervenção profissional, é melhor para o desenvolvimento do indivíduo no espectro. Mas isso não aconteceu, então conversei com mães atípicas, e, sozinha mesmo, comecei a fazer intervenções.

Aos 5 anos, a escola identificou traços de autismo. Levei o relatório a uma neurologista e tivemos a confirmação. Na época, ele foi diagnosticado com Síndrome de Asperger, mas hoje entendemos, pela OMS, que é autismo nível 1.

As mães atípicas ocupam um lugar invisibilizado, e, por vezes, romantizado.

Como você vê isso?

Renata: A mãe atípica é uma minoria na sociedade. Ela não é acolhida pelas pessoas. Além disso, muitas dessas mães não trabalham, por mais que queiram, e são julgadas. Para ser sincera, conto muito com a minha fé, porque a maternidade atípica é solitária.

De que maneira o Sesc entrou na vida de vocês?

Renata: Assim que recebi o diagnóstico do Bernardo, procurei por pessoas que também estavam no espectro. Queria saber o que as mães de crianças PCD (pessoas com deficiência) estavam fazendo, onde se reuniam, e encontrei um projeto do Sesc que promove a saúde mental de mães atípicas. O Sesc tem um olhar sensível para as famílias, para a mulher. É muito especial. Participei de diversos projetos, e o Bernardo também.

Como foi para você descobrir o Mães Atípicas?

Renata: Foi a primeira vez que encontrei acolhimento. Eu não tinha uma rede de apoio, alguém para quem abrir meu coração, contar minhas dores, sabe?

Quando encontrei o Sesc e comecei a fazer terapia com o Mães Atípicas, era muito retraída. Já tinha sido rechaçada todos aqueles anos, então, não queria me abrir. Mas descobri que aquele era um lugar seguro. Descobri que as mães do projeto, não apenas a terapeuta, têm uma escuta qualificada. Elas reconheciam a dor da outra e acolhiam. Então o Sesc me fez pensar: “Gente, encontrei meu lugar. Encontrei pessoas iguais a mim”.

Foi um divisor de águas. Antes parecia que só eu passava por isso, sabe? Mas essas mães estão lá, firmes, e isso mudou minha visão. Graças ao Sesc, que promove esses encontros, conheci outras crianças autistas, outras mães como eu, que viraram minhas amigas.

Em 2025, foi lançada a coletânea Laboratório Sesc de Narrativas Feminina, que conta com histórias suas e de mais de 50 mulheres do Rio de Janeiro. Como a escrita entrou no projeto?

Renata: O Sesc sempre agrega atividades ao projeto, e a escrita no Laboratório Sesc de Narrativas Femininas veio justamente para dar suporte à terapia. Algumas mulheres não conseguiam se abrir nas sessões, e talvez fosse mais fácil escrever do que falar. E foi o que aconteceu. A verdade é que a terapia escrita desvela muitas outras camadas, coisas que não conseguimos falar, mas que acabam se revelando no papel.

E o bacana é que um texto acaba completando o outro, sabe? Faço parte de um coletivo de pessoas que têm as mesmas dores que eu, e nossas histórias estão entrelaçadas. Escrever o livro foi dar voz a dores que a sociedade nem sempre quer ouvir.

Você falou muito sobre sua trajetória até aqui. Mas como é a Renata hoje?

Renata: Andei estudando um projeto de culinária inclusiva e montei uma cozinha industrial pequena para a produção de alimentos sem leite, glúten e ovos. Vai se chamar BenFeitos Culinária Inclusiva. As receitas já foram testadas e a cozinha está pronta para entrar em operação. São receitas que desenvolvi ao longo dessa jornada com o Bernardo e que podem atender quem tem alguma alergia ou intolerância alimentar. Esse foi o caminho que encontrei para voltar a ter minha renda. Além disso, voltei a ser estudante, estou cursando o último ano de Nutrição. Estou muito feliz e grata, porque passei por tudo isso, mas estou aqui.

“Então o Sesc me fez pensar: gente, encontrei meu lugar. Encontrei pessoas iguais a mim.”



Foto: Karine Rangel

Coordenadora do Instituto Karanba, organização social em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, Letícia da Hora (à esquerda) fala sobre encontros que geram potência. Com o futebol e a educação como ferramentas de transformação social, o instituto atende centenas de crianças e jovens.

Em uma parceria entre o Instituto Karanba e o Mulheres Plurais, foram oferecidas atividades sobre discussão de gênero, e, ali, percebeu-se que muitas das histórias compartilhadas tinham potencial de inspirar outras mulheres. O resultado desse trabalho é um dos livros da coleção Laboratório Sesc de Narrativas Feminina – contos e crônicas escritos por mulheres e meninas jogadoras de futebol.

Nesta conversa, Letícia traz um relato sobre voz, identidade e força coletiva que nasce quando mulheres ousam compartilhar suas histórias.

O propósito do Karanba é muito inspirador. Como você chegou ao instituto?

Letícia: Eu já havia trabalhado na BemTV, fui de voluntária a estagiária a coordenadora de projetos. Depois, trabalhei no Observatório das Favelas, e em outras organizações do terceiro setor que promovem direitos. E conheci o Instituto Karanba durante a pandemia de covid-19, e, lá, logo vislumbraram a possibilidade de criar um programa de igualdade racial e equidade de gênero. Assumi a coordenação e comecei a atuar com promoção de direitos, discussões, reflexões e debates sobre esse assunto para o Karanba. É aí que a nossa história se encontra com o Sesc, com o Mulheres Plurais.

De que maneira o Mulheres Plurais entra nessa história?

Letícia: Eu já tinha feito parceria com o Sesc e, conhecendo mais o Mulheres Plurais, surgiu a possibilidade de fazermos uma oficina de escrivência: o Laboratório Sesc de Narrativas Femininas. Achei muito interessante trazer essa atividade para as mulheres e meninas do Karanba, que jogam futebol, e que são, na maioria, mulheres negras e LGBTQIAPN+. Elas têm muito o que falar, passaram por muitas repressões, e têm muita vontade de ter a própria voz, sabe?

E foi um match maravilhoso. Eu já trabalhava com elas essa questão do discurso, de soltar a voz. Muitas iam lá no Instituto Karanba apenas para jogar futebol, mas quando a gente falava sobre pautas sociais, elas gostavam de refletir. Foi então que entrou o Mulheres Plurais. E foi perfeito.

“Participar da coletânea proposta pelo Sesc foi uma oportunidade de encontrar com a minha criança.”

É importante conversar sobre identidade, e o esporte pode refletir em muita coisa. Como funcionou essa parceria do Karanba com o Narrativas?

Letícia: Fizemos oficinas incríveis com a escritora Dandara Suburbana para inspirar e quebrar o gelo. Afinal, eram meninas e mulheres que não estavam acostumadas a se expor e a pôr no papel aquilo que pensam, seus desejos, a contar suas histórias... Sem contar que a escrita ainda está em um lugar de erudição, um lugar que a mulher negra, a mulher negra LGBTQIAPN+ acredita que não é para ela. Por isso, tivemos um trabalho bem intenso para fazê-las desabrocharem, deixá-las confiantes de que aquele era um lugar seguro para trazer reflexões. Só depois iniciamos o processo de escrita. Inclusive, eu também participei, assim como outras colaboradoras do Karanba, e foi muito importante para todas nós.

Participar do Laboratório Sesc de Narrativas Femininas foi importante para as meninas e mulheres do projeto, mas como foi para você? Teve impacto em sua vida?

Letícia: Nossa, muito. Ainda mais a escrita, sabe? Nós achamos que isso não é para a gente, que é difícil, que não vamos conseguir, que não vai ficar legal. Mas essa crença é limitante. A gente consegue, a gente tem potência, a gente consegue escrever. E ter o nome no livro é muito importante. Senti que enalteceu minha história, minha escrita, quem eu sou, minha trajetória. Quando era criança, lembro que, uma vez, eu falei: “Vou escrever um livro”. E comecei a escrever logo em seguida. Só que a gente é tolhida por essas questões estruturais, e isso ficou adormecido em mim. Participar da coletânea proposta pelo Sesc foi uma oportunidade de encontrar com a minha criança.

Você sente que deixou marcas para frente? Sente mudança em você e nas mulheres que participaram do projeto?

Letícia: Ah, com certeza. Acho que dá uma sensação de que a gente pode fazer o que quiser, a gente consegue fazer qualquer coisa. Hoje, frente a um desafio de escrita, por exemplo, de propagar minha narrativa e minha história, vou me sentir muito mais segura e consciente da minha potência.

PAUSA

Entrelaçados: raízes e retratos

Fotografia da exposição *Entrelaçados: raízes e retratos*, do artista e bibliotecário do Polo Educacional Sesc, José Maria. Evento Presente de Iemanjá, Praia das Pedrinhas, São Gonçalo, RJ.





CONTO

O poeta da fome

Por Abáz



Foto: Marlon Chagas

Abáz é baiano de Salvador, professor de História e escritor. *Massaranduba*, seu primeiro livro, venceu o Prêmio Sesc de Literatura (2025) na categoria Conto e foi publicado pela Editora Senac Rio.



Subiu ali e ofereceu suas palavras, como todos os dias. É que poesia pra Jonathan era ofício, e ofício sério, que pingava na mente o dia todinho até virar explosão. No princípio era o verbo. Ou melhor, os verbos. Suba, engula, coma, volte, desça, corra, vá, ande, peça, dê. Imperiosos. As palavras eram, então, aquilo que vinha dos outros. Era o que fazia sua mão agir assim ou assado, sua perna ir pra lá ou pra cá. Jonathan não era senão o resultado dessas palavras, aquilo que dele elas faziam. Um dia, assenhorou-se. Percebeu que as palavras estavam ali, à sua disposição e ao seu alcance. Brincou enebriado, rasgou-as, fez delas o que quis. As palavras eram aquilo que delas ele fazia. Praguejo, música, poesia.

Sem perceber, enrolou-se em uma rede e dali não escapava. Era tudo palavra. Tudo, tudo, tudo. Era pela palavra que Dina virava aquele *meu dengo* numa cadência gostosa. Era pela palavra que dona Vilma virava *mainha*. Era pela palavra que seu Antônio virava *painho*. Uma vez que era impossível enfiar a mão no peito e dali retirar, materializados e cristalinos, o amor e o ódio que carregava por aí, eram as palavras o meio mais seguro de aproximação. E elas estavam ali o tempo todo. Mão, boca e umbigo. Passou a andar com caderno e lápis, tornando suas as palavras que habitavam o mundo. Todo dia um novo universo é construído através das palavras, pensava Jonathan. Era esse universo que ele tentava capturar.

Emudeceu uma vez. Era domingo de Páscoa. Dona Vilma, que há um tempo já não andava bem, estava inquestionavelmente mal. Segurava nos móveis, arrastava o pé, até pedia ajuda. *Descansa, mãe, deixa que a gente faz. E você sabe fazer o quê, menino? Me ajuda aqui que eu mesma faço.* Não adiantava, Vilma gostava de ser osso duro. Uma hora tombou, e aí foi um tal de *corre aqui, ajuda, alguém consegue um táxi, isso, ali pro hospital geral, calma, mãe, vai dar tudo certo, pai-nosso que está no céu.* Um mar de desgraçados tombados. Famílias inteiras jogadas uma em cima da outra. Era um filho que vomitava, o velho que deu um jeito na coluna, pai roxo, roxo, sem conseguir respirar, equipe insuficiente, material precário, a maca atravessa a recepção deixando uma linha fina de sangue de um esfaqueado

Os dias seguiram e ela não melhorava. Jonathan ali do lado, sem palavras, nem com Deus falava. Sem mais nem menos, aquela melhora. Aquela melhora que só sustenta um último sorriso, alivia os corações, mas não consegue afastar a sombra da desconfiança, permite um último “eu te amo”. Melhora chuva de verão. Veio rápido e levou Vilma embora, um tanto mais leve. Arrancou pedaço, deixou buraco, criou vazios.

Com a fúria de quem deseja agarrar poeira, nuvem, vento, Jonathan voltou às palavras. Eram todas pra ela. Todas. Obsessão. Decidiu que era

aquilo mesmo, que nenhuma outra fazia sentido e que era através delas que viveria a sua vida. Não esperava nada de mais. Aliás, antecipava mesmo as dificuldades, via-as claramente, só entraria onde sua arte conseguisse entrar. Os ônibus. Senhoras cansadas, precocemente velhas, eram as mais atenciosas, uma moedinha pingava ali, outra aqui, às vezes um sorriso, choro, até mesmo. Com outros passageiros, nem sempre a mesma sorte

Aquele era mais um dia, mais um ônibus.
Obrigado, motô! Falou de amor, mãe, morte.
Encontrou dona Vilma em alguns olhos. Em muitos, nada. Em um, ódio. Aquele ódio que atravessa, um sem-razão. O homem escrutinava o corpo preto, alto, ombros largos, dentes bons, maxilar pronunciado. Corpo da linhagem dos melhores estivadores. Devia mergulhar em silêncio. Correr mais, carregar mais, se esforçar mais, mais e mais. Que invenção era essa de poeta?
Um menino novo desse, saudável, devia procurar um trabalho. O homem soltou pro alto. Ele não podia ser poeta. Jonathan também não. Não era o lugar. Poesia como fronteira. Jonathan guardou as moedas no bolso, a mãe no coração e foi em busca do próximo palco. *Obrigado, motô!*
Bom dia, senhores; bom dia, senhoras.

Senac: há 80 anos, a gente se vê amanhã

Ao fim de um dia de trabalho, aula ou aprendizado, quase sempre dizemos a mesma frase, ainda que sem pensar muito nela: a gente se vê amanhã. Pode ser hábito, desejo ou somente uma forma de se despedir. Mas, no fundo, essa expressão carrega algo maior – a certeza de continuidade, compromisso e futuro.

Falar do amanhã é inevitável. E é exatamente pensando no amanhã que o Senac se construiu. Criado em 1946, em um Brasil que buscava se reorganizar no pós-guerra, o Senac nasceu de um pacto visionário entre empresários do Comércio, formalizado na histórica Carta da Paz Social, assinada em 1945, em Teresópolis. A decisão era ousada: investir recursos privados na formação profissional como estratégia de desenvolvimento econômico, inclusão social e fortalecimento da cidadania.

A formação profissional foi entendida, desde o início, como instrumento de equidade, progresso e paz social. E, desde então, o Senac nunca deixou de acompanhar o ritmo do país – e, muitas vezes, de antecipá-lo. Durante as oito décadas, a educação profissional brasileira se transformou profundamente. E o Senac esteve presente em cada uma dessas mudanças.

Quando o rádio começava a chegar às casas, a instituição criou a Universidade do Ar, levando educação a distância pelas ondas sonoras. Quando o mercado passou a exigir vivência prática, surgiram as empresas pedagógicas, com lojas-modelo, escritórios-escola e, mais tarde, restaurantes, hotéis e salões-escola.

Dessas experiências pioneiras nasceram estruturas que hoje fazem parte da identidade do Senac – ambientes de aprendizagem que simulam o mundo real do trabalho, em que a teoria encontra a prática e o conhecimento ganha forma concreta. Atualmente, são mais de 80 unidades pedagógicas espalhadas pelo país, responsáveis por formar profissionais que aprendem fazendo.

Essa capacidade de evoluir sem romper com a própria essência explica por que o Senac permanece vivo e relevante. Presente em mais de 2 mil municípios brasileiros, a instituição já formou mais de 80 milhões de pessoas – uma trajetória rara entre organizações privadas dedicadas à educação.

“Foi uma aposta à frente do seu tempo.”

— José Roberto Tadros, presidente do Sistema CNC-Sesc-Senac

a gente se vê *no caminho do seu sonho*

Há 80 anos, o Senac está ao seu lado, acompanhando cada passo do seu crescimento. Seja em um curso novo, em uma nova profissão ou em qualquer desafio que surgir, a gente está sempre com você.

Senac. A gente se vê amanhã.

Todo dia é recomeço

O mundo mudou e continuará mudando. Cada revolução tecnológica alterou profundamente a forma de produzir, trabalhar e viver. O Senac atravessou todas elas ajustando currículos, metodologias e formatos, sem perder de vista o ser humano no centro do processo educativo.

Nos últimos anos, essa atuação se ampliou com o lançamento de plataformas gratuitas, como o Senac Empresas, voltada ao fortalecimento do setor produtivo, e o Orango (2024), com cursos livres e acessíveis em áreas ligadas ao futuro do trabalho, como Tecnologia, Marketing, Design, Games e Turismo.

Na gastronomia, uma das marcas mais reconhecidas da instituição, o Senac reafirmou seu papel de referência nacional com a criação do Senac Eixo Monumental, em Brasília, inaugurado em 2025. Concebido como polo de inovação, pesquisa e experimentação, o espaço aproxima técnica, cultura e criatividade, projetando novos caminhos para a gastronomia brasileira.

Mas, no Senac, inovação nunca é ponto de chegada. É movimento contínuo.

Esse compromisso se traduz no que o diretor-geral do Departamento Nacional do Senac, Marcus Fernandes, define como o verdadeiro legado da instituição: “Essas marcas são legados vivos. Estão no atendente que acolhe com gentileza, no chef que transforma ingredientes em cultura, no designer que encontra beleza na utilidade e na pessoa jovem que descobre na sala de aula o poder de transformar o próprio destino. Cada pessoa carrega um pedaço da história de uma instituição que acredita que o futuro não se espera. É dizer que o Senac constrói o amanhã”.

Ao completar 80 anos, o Senac não celebra apenas o passado. Celebra a permanência. A capacidade de transpassar o tempo, mantendo o compromisso com as pessoas, com o trabalho e com o Brasil que acorda todos os dias disposto a seguir em frente – formando pessoas, fortalecendo comunidades e ajudando a construir um país que aprende enquanto trabalha.

“Cada pessoa carrega um pedaço da história de uma instituição que acredita que o futuro não se espera. É dizer que o Senac constrói o amanhã.”

**— Marcus Fernandes,
diretor-geral
do Departamento
Nacional do Senac**



BATE-PAPO

Traduzir o mundo dos negócios para a vida real

**uma conversa
com Karine Oliveira**

Ela tinha 12 anos quando soube que queria ser professora. Hoje, aos 32, a baiana Karine Oliveira, fundadora e CEO da Wakanda Educação Empreendedora, pode se considerar realizada. Nomeada entre os jovens brasileiros mais inovadores pela Forbes Under 30, ela já ajudou a transformar a vida e o trabalho de mais de 8 mil pessoas.

Você nasceu e cresceu no Engenho Novo da Federação, periferia de Salvador. Como a vida na comunidade impactou sua história?

Minha história começa com a minha mãe, Kátia Santos, e com meu pai, Valmir Severino. Ambos são pessoas muito ativas na comunidade. Meu pai, por ser um mestre de obras que construiu a maior parte das casas da região. E a minha mãe, por ser uma das primeiras pessoas da comunidade a alfabetizar boa parte de meus vizinhos. Foi quando percebi o poder da educação.

Foi por causa da sua mãe que você percebeu a importância da educação?

Com certeza. Comecei a acompanhar minha mãe nas formações de Economia Solidária aos 12 anos. Ela ia para a universidade aprender os termos técnicos e, depois, formava grupos de estudo nas comunidades.

Ela tinha a habilidade natural de aprender o que era complexo e ensinar de maneira simples. Antes de dar aula, ela se reunia com o pessoal, conversava e aprendia gírias para, depois, inserir aquelas nuances no conteúdo. Isso era muito bacana, porque as pessoas, ao enxergarem suas realidades na explicação, se aproximavam de conceitos que não conheciam, diziam: “Ah, é só isso? Mas isso eu sei fazer”. Eu ficava muito encantada, porque via as pessoas ganharem confiança. E como, na minha cabeça, minha mãe era professora, eu dizia que queria ser professora quando crescesse.

E foi assim que surgiu a Wakanda Educação Empreendedora?

Na verdade, muito antes de criar a Wakanda, eu já participava de movimentos sociais e empreendia. Mas tinha o sonho de ser professora, e por isso ingressei na universidade para cursar Serviço Social. Só que as pessoas diziam que ensinar do meu jeito, mais simples, de maneira acessível, não fazia o perfil de professor universitário.

Perto de eu me formar, meu pai me fez uma provocação: “Já que você não gosta da aula de ninguém, como seria a sua aula?”. Foi então que surgiu a Wakanda. Pela primeira vez, aos 27 anos, me dei a oportunidade de imaginar como seria minha própria escola. E me apaixonei pela metodologia que tinha criado.

O nome do projeto foi inspirado no filme *Pantera Negra*, da Marvel. O que no filme chamou tanto a sua atenção?

Quando assisti ao filme, em 2018, saí do cinema encantada. Pensei “Wakanda não pode ser apenas uma cidade fictícia, sabe? Pessoas de vários lugares do mundo precisam disso.” E o nível de complexidade das personagens femininas... Na história, a princesa mais nova de Wakanda é o maior nome em tecnologia. A guarda mais potente, que protege o rei e a rainha, é composta por mulheres negras. Então, isso me pegou, porque vi eu mesma e outras mulheres em papéis poderosos. No filme, tecnologia e ancestralidade são complementares, não antagonistas. É uma cidade que tem sua economia, mas preserva o bem-estar das pessoas. E esse é um princípio em que acredito. E então, com a minha inocência e sagacidade, imaginei criar uma escola chamada Wakanda Educação Empreendedora, com o objetivo de auxiliar empreendedores periféricos e empreendedores por necessidade — ou seja, aquela galera que precisa do trabalho como última fonte de renda — a conseguir ter uma melhor saúde de trabalho e financeira.

São esses princípios que tornaram você uma empreendedora social?

Cresci dentro do movimento de economia solidária muito antes de ser empresária. Empreender ao mesmo tempo que me relaciono com o ambiente e respeito a relação das pessoas é uma herança da minha mãe. Esse foi o fator determinante para que eu pudesse criar uma empresa que não apenas me sustentasse, mas que trouxesse um impacto positivo para a comunidade.

“Empreender ao mesmo tempo em que me relaciono com o ambiente e respeito a relação das pessoas é uma herança da minha mãe.”

**“O Sesc
deveria
ser uma
referência
para todos
os lugares.”**

Você fala muito sobre empreendedorismo por necessidade, mas muita gente confunde empreendedorismo com precarização do trabalho...

Quando falamos de empreendedorismo por necessidade, muitas vezes pensamos apenas em pessoas com baixa escolaridade. Mas não é bem assim. Na pandemia, por exemplo, muitas mulheres foram demitidas. Ou seja, essa mulher tinha apenas o poder intelectual e a própria força de trabalho para começar a empreender. E como ela não possuía nenhuma outra renda que a sustentasse, chamamos de empreendedorismo por necessidade. Quando o negócio dela for mal, haverá impacto em sua subsistência e qualidade de vida.

Isso acontece também em comunidades periféricas, onde o trabalho formal é mais difícil. As pessoas exploram habilidades que elas já têm para empreender. Por exemplo, se alguém aprendeu a consertar celular sozinho, ele abre uma banquinha. Ou se uma mulher entendeu que é ótima cozinheira, ela abre um empreendimento em casa para produzir quentinhas e começa a trabalhar para ela mesma. É isso que chamo de empreendedorismo por necessidade. Pessoas que dependem exclusivamente que o empreendimento delas lucre todos os dias. E sabemos que, no ramo dos negócios, isso é imprevisível. É possível conseguir por meio do esforço, sim, mas não é garantido.

Outros termos que causam muita confusão são o assistencialismo e a educação social. Como você define cada um?

A educação social dá o caminho e o incentivo para que a pessoa trilha seu próprio caminho. É como mostrar várias estradas para alguém, mas apenas ele descobrirá qual seguir. Já o assistencialismo, basicamente, é como prender essa pessoa em um vilarejo, deixar o mato superalto, em um lugar onde só você, com um helicóptero, pode visitá-la e ensiná-la. A pessoa fica dependente da sua ajuda, não aprende a se virar sem você.

Na educação social são explicados os porquês, a estrutura, e são oferecidas ferramentas para que ela saia daquela situação em que está com seus próprios esforços. Na educação assistencialista, é oferecido tudo pronto, o que tira a autonomia da pessoa e a deixa extremamente dependente. Então, a menos que tenha alguém por perto, ela não vai saber como fazer, porque nunca foi ensinada a fazer sem ajuda.

A proposta de uma educação social tem tudo a ver com as iniciativas de Educação do Sesc, que atravessa todas as nossas ações...

No Sesc, gostei da ideia de pensar o empreendedorismo de uma forma complementar às outras áreas e não isolada, sabe? De ter compreendido que o empreendedorismo é uma vivência, uma habilidade, e que é necessário praticar o empreendedorismo. O mais interessante foi ver que ele pode ser introduzido em diversas etapas da vida, desde a galera da Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos. Foi muito bacana compreender como trabalhar a educação empreendedora, levando para as crianças a questão do construir, dividir e trocar brinquedos. Os estudantes do EJA aprenderam matemática e educação financeira por meio de orçamentos, de planilhas e até de listas que eles já fazem. Dessa forma fica muito mais natural...

Porque aproxima a educação da realidade de cada um, né?

Isso! Quando a pessoa insere esse assunto na vida dela, as habilidades empreendedoras, que talvez ela já tenha, vão aflorando de forma natural. E a gente também mostra para as pessoas que a visão empreendedora pode ajudar a entender muito mais. Não somente as ciências exatas.

Por exemplo, o pessoal do Espaço Maker, do Departamento Nacional do Sesc, cria projetos sustentáveis de robótica. Esses projetos dependem de captar investimento, de saber como é que aquele material vai se comportar, como aquilo vai permanecer no ambiente. Isso é uma visão empreendedora. Além disso, beneficia a sociedade, é sustentável. Não se trata apenas de aspectos financeiros, sabe? É englobar todo o círculo que envolve a criação de um produto e, acima de tudo, desenvolver algo que auxilia as pessoas. É essa a autonomia de poder aprender e experimentar à sua maneira, como mencionei antes. O Sesc deveria ser uma referência para todos os lugares.

Seu projeto de educação empreendedora foi disputado por quatro dos cinco tubarões da quinta temporada do *Shark Tank Brasil* em 2020. Por que acha que houve tanto interesse?

Lancei mão da minha paixão, e isso é algo que ensino muito para as pessoas. Ao ir para um programa como aquele, é necessário apresentar o negócio de um jeito com

que a pessoa entenda que, com ajuda ou sem, você vai alcançar o seu objetivo. Então, na verdade, eles investem no negócio, é lógico, mas, acima de tudo, investem no empreendedor. Eu mostrei para eles que, no *Shark Tank Brasil*, um programa em que a maior parte das palavras é difícil, embora os conteúdos sejam extremamente necessários para os empreendedores, a linguagem é muito importante. E este é o maior diferencial que tenho na minha escola: o poder da linguagem, de tornar os temas acessíveis e sem precisar complicar.

E quando você percebeu que a Wakanda é um sucesso?

Para ser sincera, acho que a ficha caiu em 2021, porque a Wakanda ficou tão grande que fui convidada a crescer e a chamar outras professoras, sabe? Foi quando entendi que, enfim, tinha criado a minha escola. Passei a ser gestora, e fiquei responsável por criar as metodologias. Na época foi muito legal perceber que tinha realizado o sonho de ser professora, que eu havia criado a minha escola e já estava há quatro anos vivendo dela.

Como funciona a Wakanda hoje?

Desde a pandemia, a Wakanda se transformou em uma startup de educação exclusivamente on-line. O curso carro-chefe é o Acelerando seu corre, e temos dois modelos de negócio. O primeiro, ofereço os pacotes das turmas para empresas que desejam ter atuação com um público específico. Por exemplo, estamos atuando junto de uma empresa de gás para poder levar os cursos para o interior da Bahia. É a oportunidade de levar as aulas para pessoas quilombolas, indígenas, grupos de agricultura familiar e muito mais gente. E é um modelo, em geral, muito mais natural: a empresa contrata uma determinada quantidade de vagas, e a gente vai captando e distribuindo essas vagas de forma gratuita. Outro modelo é quando os próprios empreendedores compram as mentorias e os cursos, que são todos realizados pelo WhatsApp. A pessoa recebe acesso ao curso de maneira acessível e, em geral, tendo mais ou menos uma hora por dia, consegue ter aula com um dos nossos professores.

**“No Sesc, o
empreendedorismo
é uma vivência
e pode ser
introduzido
desde a Educação
Infantil até a
Educação de
Jovens e Adultos.”**

Ao longo dessa trajetória, você deve ter tido muita história inspiradora, algumas lições, casos de superação. Poderia compartilhar alguma delas?

Tem uma história muito legal sobre a capa da *Forbes*. Logo que comecei a Wakanda, tinha uma aluna que era escritora e estava mudando de área para se tornar fotógrafa. Ela estava muito preocupada, e me perguntava: “Karine, como vou disputar com tanta fotógrafa em Salvador?”. E eu respondia: “Quem disse que você precisa disputar? Lá no bairro de Sussuarana, você é extremamente famosa como a poetisa Lane Silva. O que você vai fazer agora é aproveitar a fama e divulgar a Lane fotógrafa”. E em apenas um ano ela abriu o estúdio dela. Dois anos depois, em 2020, quando dei a entrevista pra *Forbes*, a repórter mencionou que seria uma matéria pequena. Mas, ao conversar comigo por ligação, ela ficou encantada com a Wakanda e quis me dar um espaço maior. Só que era sexta-feira e ela precisava de uma foto para segunda. Respondi que conseguiria a foto, desde que fosse com a minha fotógrafa. Eu nem tinha combinado com a Lane ainda, mas liguei para ela e falei: “Rainha, quero muito realizar dois sonhos: um é pagar pelo seu ensaio, e o outro é que a gente faça uma sessão de fotos lindas, porque eu preciso de uma foto de capa”. Ela não sabia na época, mas ela foi a pessoa que fez minhas primeiras fotos profissionais, porque eu tinha muita vergonha de tirar foto. E então recebemos este presente: a capa da revista.

E quais são seus próximos passos, os próximos sonhos?

Já estou realizando um sonho, que é levar os cursos para o interior da Bahia. Fechamos também um contrato para trabalhar com ambulantes, e isso é um sucesso muito grande. Esse é um público que, muitas vezes, é esquecido. Mas acho que é necessário nos posicionarmos mais enquanto mercado, para que as pessoas compreendam a Wakanda como referência de empreendedorismo por necessidade. O próximo passo é mostrar o nosso impacto social e a nossa potência. É isso que transforma o mundo.

Por

O acesso à cultura nos faz questionar certezas justamente quando nos mostra que existem muitas maneiras de existir no mundo. Que não é só nosso jeito de viver, comunicar e integrar uma comunidade que importa e tem validade, não.

Pelo contrário: são múltiplas as formas de ser, trabalhar, se divertir, produzir e se conectar.

No Brasil, com regiões diversas e tão únicas, as manifestações culturais produzidas pelo Sesc fazem parte da nossa formação cidadã.

ai

Acreditamos
que a cultura é
transformadora
quando acessada
por todo mundo.

Escuta atenta e a valorização dos territórios



O SescTV lançou *Sonora Brasil: Encontros, Tempos e Territórios*. Dividida em dez episódios, a série percorre o país revelando histórias regionais, ritmos ancestrais e artistas que mantêm vivas e renovam tradições musicais brasileiras. A produção registra encontros inéditos entre diferentes gerações de artistas que dividiram o palco durante a 27ª edição do Sonora Brasil em 2025.

Sob a direção de Gabriela Barreto e Tobias Rodil, o documentário passa por dez cidades que abrigaram encontros potentes como a de Chau do Pife e Andréa Laís, em Alagoas; de Mãe Beth de Oxum com Henrique e Surama Ramos, em Pernambuco; do Mestre da Guitarrada Manoel Cordeiro com seu filho Felipe Cordeiro, apresentando diálogos entre raízes e novas expressões amazônicas; e o do Mestre Zeca da Rabeca com Melina, no Paraná.

O Sonora Brasil faz com que a gente perceba que o Brasil é, de fato, gigante, que a gente veja como os territórios são tão distintos. É isso que nos faz brasileiros.

Luciane Dom, artista do biênio 2024/2025 do Sonora Brasil

Criado pelo Sesc em 1998, o Sonora Brasil integra a proposta de valorização, preservação e difusão do patrimônio cultural brasileiro.

Cada episódio tem cerca de 27 minutos.

Para sintonizar o SescTV, consulte sua operadora ou assista on-line em sesctv.org.br/noar ou, ainda, em: sesc.digital/colecao/sonora-brasil.

A condição humana na literatura



A edição 2025 do Prêmio Sesc de Literatura recebeu mais de 2,4 mil inscrições, e consagrou autores da Bahia, de São Paulo e Minas Gerais. O baiano Abáz venceu na categoria Conto, com *Massaranduba*. Já *Goiás*, de Marcus Groza (SP), levou o prêmio de Romance, enquanto *Escalar cansa*, de Leonardo Piana (MG), foi o destaque em Poesia. Os três títulos, publicados pela Editora Senac Rio, já estão à venda.

Em sua estreia literária, Abáz Reis apresenta uma coletânea de contos ambientados em Massaranduba, bairro da periferia de Salvador. Com linguagem marcada pela oralidade, o autor dá voz a personagens marginalizados e constrói narrativas que transitam entre o trágico e o cômico, o absurdo e o real. Violência, afeto, fé e sobrevivência atravessam histórias profundamente humanas.

Poeta, dramaturgo e encenador, Marcus Groza costura memória, crítica social e lirismo para narrar a trajetória de um cão farejador caramelo que atua em operações de resgate. A obra transforma o animal em símbolo de resistência diante da devastação humana e ambiental, alternando missões e reflexões sobre a vida e a morte.

Já Leonardo Piana, estreante na categoria Poesia – mas autor de outros dois livros, entre eles *Sismógrafo*, finalista do Prêmio Jabuti de 2023 –, mergulha na mitologia grega para falar de desejo, identidade e perda. Os sentimentos de Aquiles por Pátroclo, a morte de Pátroclo por Heitor e a morte de Heitor pelo próprio Aquiles funcionam como metáfora de conflitos universais: o afeto versus a guerra; o amor frente à separação, ao luto e à ausência.



Saiba mais sobre
o Prêmio Sesc de Literatura

Uma celebração da arte, da rua e da vida



Celebrar 40 anos de carreira é também celebrar resistência. Essa é a proposta de *Eduardo: o rei das praças*, espetáculo do artista de rua e acrobata cadeirante Eduardo Show da Vida, em cartaz no circuito Palco Giratório.

Entre memórias, imagens e sonhos, Eduardo revisita sua trajetória dedicada ao riso e à troca sincera com o público nas ruas e praças de Fortaleza. Em cena, divide o palco com o amigo e encenador cearense Alysson Lemos, construindo um relato sensível sobre a arte e a vida.

Mais do que autobiográfico, o espetáculo presta homenagem a todos os artistas de rua que seguem ocupando espaços públicos com paixão, criatividade e coragem.

Criado em 1998, o Palco Giratório é uma iniciativa do Sesc que promove a circulação de espetáculos por todo o país, além de oferecer oficinas, festivais, mesas-redondas e palestras, sempre em diálogo com artistas locais.

Eduardo está há 40 anos vivendo da cultura do chapéu. Ser artista de rua, independente não é para qualquer um. É imperdível ouvir a história dele.

Alysson Lemos, palhaço e artista de rua

Aquilo que nos faz extraordinários



Primeiro espetáculo da House of Hands Up MS – coletivo pioneiro de vogue em Mato Grosso do Sul –, *Peça única* propõe reflexões sobre identidade, moda e liberdade de expressão a partir da cultura *ballroom*, da dança vogue e da moda como linguagem para investigar os limites da existência. A produção celebra a singularidade de cada corpo e de cada história, desafiando a ideia de espetáculo como algo fixo ou completo.

A cultura *ballroom* ganhou popularidade nos anos 1990 com a música "Vogue", da Madonna, mas também foi retratada em produções recentes como *Pose* (FX/Netflix) e *Legendary* (HBO Max), nos Estados Unidos, e *Segura essa pose* (Globoplay), no Brasil.

Ao tensionar os códigos da dança, da identidade e da afirmação, *Peça única* constrói uma narrativa disruptiva em que é necessário sonhar o ordinário. Em 2025, o espetáculo integrou a programação do Sesc Teatro Prosa, principal mostra de dança contemporânea do Mato Grosso do Sul, e agora chega ao circuito Palco Giratório 2026.

Saiba mais sobre o Palco Giratório



**Dançar é inventar
o próprio caminho.**

Saúde mental no centro da conversa



Você percebe ou lembra dos sonhos ao acordar?

Consegue nomear o que sente? Sabe como proteger a saúde mental da ultraconectada Geração Alfa? Essas são algumas das questões debatidas no podcast Ativamente.

Criado pelo Sesc a partir do movimento Bem Me Quero, o podcast é apresentado por Rita Martorelli e convida especialistas como o neurocientista Sidarta Ribeiro, a jornalista Natália Souza e o psiquiatra Jairo Bouer. A primeira temporada recebeu ainda o antropólogo Michel Alcoforado, que propõe repensar o tédio como potência criativa; o teólogo Sérgio Albuquerque, que reflete sobre felicidade; e a neurocientista Thais Bento Lima da Silva, que fala sobre a memória.

Mais do que entrevistas, Ativamente funciona como uma plataforma de acolhimento e alfabetização emocional, oferecendo novos olhares sobre a forma como lidamos com nossos sentimentos em tempos acelerados e hiperconectados.

[Confira os episódios no YouTube](#)



Um podcast para entender a mente e viver melhor.

A busca por uma vida mais simples



Foto: Lauro Medeiros

Criado a partir da linguagem do Teatro de Objetos Documental, o espetáculo *Para Mariela*, do grupo Sobrevento, aborda o desejo por uma vida mais simples e os atravessamentos da experiência migratória.

A montagem nasce de histórias contadas por imigrantes bolivianos, vizinhos à sede do grupo no bairro do Belenzinho, em São Paulo. Essas narrativas ganham corpo por meio de músicas e sonoridades de diferentes regiões da Bolívia – andina, aimara e chaquenha – que ajudam a revelar, pouco a pouco, o próprio ambiente cênico. No centro da encenação está a busca pelo mar perdido, imagem simbólica que representa tanto os sonhos de um futuro possível quanto a infância deixada para trás.

Durante 18 meses, integrantes do Sobrevento visitaram escolas, centros de imigrantes e ONGs do bairro de Belém, reunindo relatos que chegam ao palco transformados pela direção de Luiz André

Cherubini e Sandra Vargas. Com linguagem simples e não linear, e o uso de objetos cotidianos, o espetáculo constrói uma narrativa sensível e envolvente – uma celebração das memórias e dos afetos que aproximam adultos e crianças em um encontro artístico profundo e universal.

Para Mariela integra o circuito especial do Palco Giratório 2026.

***Para Mariela* aborda a imigração, e muitos de nós somos imigrantes e nos identificamos profundamente com a experiência de nos sentirmos estrangeiros. Estar longe da nossa terra faz com que a saudade de onde viemos esteja sempre presente.**

Sandra Vargas, atriz e fundadora do grupo Sobrevento

Um OVNI nas terras de Aruanda



Uma nave espacial paira sobre uma comunidade quilombola no sertão da Paraíba. A partir desse acontecimento extraordinário, os moradores precisam lidar com as consequências do evento. Essa é a premissa de *A nave que nunca pousa*, curta-metragem documental com elementos de ficção científica.

Estreia de Ellen Moraes na direção, o filme foi selecionado para a VIII Mostra Sesc de Cinema e vem conquistando prêmios em diversos festivais do país. Entre eles, Melhor Roteiro e Melhor Desenho de Som no 20º Fest Aruanda; Melhor Roteiro, Melhor Desenho de Som e Melhor Fotografia no Cine Açude Grande; além de Melhor Desenho de Som e Melhor Montagem no Festival de Cinema de Catolé do Rocha.

Uma das principais iniciativas de incentivo ao cinema independente no Brasil, a Mostra Sesc de Cinema destaca curtas, médias e longas-metragens de ficção, documentários e animações ainda fora do circuito comercial. Além da exibição em unidades do Sesc por todo o país, a Mostra também premia os vencedores com licenciamento, ampliando o alcance dessas produções.

**Saiba mais sobre
a Mostra Sesc de Cinema**



**Realidade e ficção científica
se cruzam no céu do sertão.**

Para as infâncias

Uma pata em apuros



Técnicas de stop motion e imagens criadas com o apoio de inteligência artificial foram utilizadas pelo diretor Nelson Nunes na construção do curta *A aventura de Patyzuli no Círio*.

Selecionado para VIII Mostra Sesc de Cinema, o filme presta uma homenagem afetuosa à cidade de Belém, no Pará. Cenários emblemáticos da capital como o Ver-o-Peso e o bairro Guamá servem de pano de fundo para a história de Patyzuli, uma pata que é raptada às vésperas do Círio de Nazaré e precisa ser resgatada pelos amigos.

Festa religiosa dedicada à Nossa Senhora de Nazaré, o Círio é realizado há mais de 200 anos e foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), além de declarado Patrimônio Cultural pela Unesco.

O curta foi contemplado pelo edital Paulo Gustavo de 2023 e conta com apoio para exibição da Política Nacional Aldir Blanc, além de apoio cultural da Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa (Fadesp), da Prefeitura de Belém, do Ministério da Cultura e do Governo Federal.

Das cores do Ver-o-Peso às ruas do Guamá, Belém vira palco de uma missão cheia de encanto.

A close-up portrait of a young man with short, dark hair and a slight smile, looking directly at the camera. He is wearing a white martial arts gi. The background is a blurred indoor setting with warm, orange-toned lights. On the right side of the image, there is a white line graphic consisting of several overlapping circles and arcs, resembling a stylized flower or a geometric pattern.

Desde que o esporte entrou
na minha vida, fui encontrando
meu caminho, sempre com
o **Sesc** ao meu lado.

A vida
acontece
com o Sesc

Sesc
CNC Senac

80 ANOS

**Há 80 anos,
somos feitos
de histórias.**



A vida acontece com o Sesc